



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
JULIANO GUIMARÃES FELIZARDO

**ESTÉTICA *QUEER*: EXPERIÊNCIA, SUBVERSÃO, MULTIPLICIDADE E DEVIR
NA CONTEMPORANEIDADE**

Tubarão
2015

JULIANO GUIMARÃES FELIZARDO

**ESTÉTICA *QUEER*: EXPERIÊNCIA, SUBVERSÃO, MULTIPLICIDADE E DEVIR
NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Linguagem da
Universidade do Sul de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Ramayana Lira de Sousa.

Tubarão

2015

Felizardo, Juliano Guimarães, 1986-
F36 Estética Queer : experiência, subversão, multiplicidade e
devir na contemporaneidade / Juliano Guimarães Felizardo;
-- 2015.
85 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Ramayana Lira de Sousa.
Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2015.
Inclui bibliografias.

1. Teoria Queer. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade.
I. Sousa, Ramayana Lira de. II. Universidade do Sul de Santa
Catarina – Mestrado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.)

306.76

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

JULIANO GUIMARÃES FELIZARDO

**ESTÉTICA QUEER: EXPERIÊNCIA, SUBVERSÃO, MULTIPLICIDADE E DEVIR
NA CONTEMPORANEIDADE**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

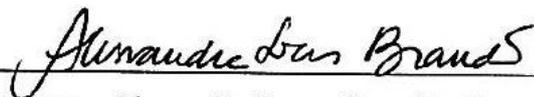
Tubarão, 28 de agosto de 2015.



Professora e orientadora Ramayana Lira de Sousa, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Claudia Junqueira de Lima Costa, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina



Professora Alessandra Soares Brandão, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que me inspiram e dão sentido aos meus dias. Pessoas que me impelem a querer mais da vida e que me impedem de qualquer conformismo. Se eu escrevo estas linhas é porque muitos encontros me trouxeram até aqui, ainda que algumas estradas tenham sido dificultosas. Sou, pois, parte dos agenciamentos que me movem, fruto das trocas com minha matilha, tomando alguns termos emprestados.

Agradeço a minha mãe pela amabilidade e preocupação constantes, ciente de que superamos os desacordos de outrora, compreendendo nossas diferenças e aprendendo a respeitá-las. Sei ainda que as dores que passamos nos tornaram mais fortes e mais sensíveis e que, de onde estiver, nosso querido Xande está feliz por nós, por termos entendido que a vida segue, mas que os melhores momentos jamais se apagam.

Sou muito grato às amigadas que partilho, pelo entusiasmo que produzem, pelos abraços carinhosos e pela energia que me anima enquanto sujeito sensível. Nada disso teria importância sem os encontros afetuosos e as conversas cruzadas em torno de uma certa mesa redonda. Não sei se mereço tanto, mas lhes sou infinitamente grato pelo acolhimento e por todo carinho que me têm. Sei da sorte que possuo e lhes tenho muito amor, mas não ousa dar nomes sob o risco de não haver espaço suficiente – abraço vocês em pensamento, e pessoalmente.

Agradeço em especial à amiga Lela, por quem tenho imensa admiração e apreço. Ao Murilo pela simplicidade e suavidade do amor que temos um pelo outro e pela paixão que é só nossa. Agradeço ainda à minha querida orientadora Ramayana, pelo *affecto*, confiança, inspiração e incentivo constantes – saiba que minha vida toma outros rumos e muito disso devo a você. À Alessandra, sempre sensível em seus abraços e diálogos, entrecruzados em cada orientação. Obrigado também às pessoas que me permitem partilhar de seu cotidiano, colegas de trabalho, de estudo, de vida, *migas* e alunas que me alegram.

Estou muito feliz pelos conhecimentos e relações conquistadas. Sou muito grato ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem UNISUL e ao corpo docente por acreditarem na minha capacidade. Obrigado ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento e incentivo à pesquisa acadêmica. Gente, muitíssimo obrigado.

“A sexualidade é uma produção de mil sexos, que são igualmente devires incontroláveis.” (Deleuze e Guattari)

RESUMO

Esta dissertação retoma o problema das normas heterocentradas, tanto com respeito à ficção das identidades de gênero, quanto ao cerceamento das sexualidades, ruína de toda multiplicidade a se realizar por meio de tecnologias de re-produção de coerência subalternizadora, discorrendo sobre as subalternidades a partir da relação entre os estudos queer e as análises de Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Para isso, conecta as análises de Judith Butler (2013), Paul Beatriz Preciado (2009), Guy Hocquenghem (2009) e Michel Foucault (2014), para poder pensar noutras políticas de subversão que autorizem existências além dos limites impostos aos corpos. De Susan Buck-Morss (2012) e Walter Benjamin (2012), tanto quanto de Georges Bataille (1986), retira as noções de experiências para propor uma estética queer que permita romper com o embaraço normativo, fundado pelo modelo de economia pós-moneísta e suas tecnologias de controle. Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) contribuem aos esforços desta pesquisa com as multiplicidades e os devires, cujos agenciamentos funcionam como potências que desterritorializam a pretensa coerência de sexo/gênero/desejo. A partir dos conceitos expostos, apresenta, ainda, exemplos de estéticas queer contemporâneas que subvertem as naturalidades e a inteligibilidade, permitindo que as multidões escapem das restrições a que estão sujeitas.

Palavras-chave: *Queer*. Experiência. Subversão. Multiplicidade. Devir.

RESUMEN

Esta disertación retoma el problema de las normas heterocentradas, tanto al respecto de la ficción de las identidades de género, cuanto a la reducción de las sexualidades, ruina de toda multiplicidad a ser realizada por medio de tecnologías de re-producción de coherencia subalternizadora, disertando sobre las subalternidades a partir de la relación entre los estudios *queer* y los análisis de Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Para esto, conecta los análisis de Judith Butler (2013), Paul Beatriz Preciado (2009), Guy Hocquenghem (2009) y Michel Foucault (2014), para poder pensar en otras políticas de subversión que autoricen existências más allá de los límites impuestos a los cuerpos. De Susan Buck-Morss (2012) y Walter Benjamin (2012), así como de Georges Bataille (1986), retira las nociones de experiencias para proponer una estética *queer* que permita romper con la vergüenza normativa, fundado por el modelo de economía post-moneísta y sus tecnologías de control. Gilles Deleuze y Félix Guattari (2014) contribuyen a los esfuerzos de esta investigación con las multiplicidades y los devenires, cuyos agenciamientos funcionan como potencias que desterritorializan la pretensa coherencia de sexo/género/deseo. A partir de los conceptos expuestos, presenta, aún, ejemplos de estéticas queer contemporáneas que subvierten las naturalidades y la inteligibilidad, permitiendo que las multitudes escapen de las restricciones a que están sujetas.

Palabras-clave: *Queer*. Experiencia. Subversión. Multiplicidad. Devenir.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1: Divine - Pink Flamingos | 49 |
| Figura 2: Hija de Perra | 50 |
| Figura 3: Empaná de Pino..... | 52 |
| Figura 4: Laurence..... | 57 |
| Figura 5: Fininha (Jesuíta Barbosa) e Clécio (Irandhir Santos) | 62 |
| Figura 6: Grupo Chão de Estrelas | 63 |
| Figura 7: Fininha conecta-se ao grupo..... | 65 |
| Figura 8: Ney Matogrosso | 68 |
| Figura 9: Disco <i>Água do Céu Pássaro</i> | 69 |
| Figura 10: Johnny Hooker | 71 |
| Figura 11: Hija de Perra - paródia performativa | 72 |
| Figura 12: Conchita Wurst..... | 74 |
| Figura 13: Perra em performance - FemFest..... | 75 |
| Figura 14: Hija de Perra e Perdida - <i>Indecencia Transgênica</i> | 77 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | ESTUDOS <i>QUEER</i>: DAS NORMAS HETEROCENTRADAS ÀS POLÍTICAS DE SUBVERSÃO DAS IDENTIDADES | 13 |
| 2.1 | DA BIOPOLÍTICA À SEXOPOLÍTICA: TECNOLOGIAS DE GESTÃO DOS CORPOS, ANORMALIDADES E PERVERSÕES <i>QUEER</i> | 18 |
| 2.1.1 | Terrorismo anal e políticas antissistema | 28 |
| 2.2 | GÊNERO PERFORMATIVO, HETERNONORMAS E TECNOLOGIAS DE RESISTÊNCIA <i>QUEER</i> | 30 |
| 2.2.1 | Subversão das identidades, paródia e contrassexualidade | 34 |
| 2.3 | UMA LINHA DE FUGA RIZOMÁTICA: POLÍTICA RADICAL DA MULTIPLICIDADE SEXUAL | 38 |
| 3 | EXPERIÊNCIAS <i>QUEER</i>: ESTÉTICA E POLÍTICA ANTINORMATIVIDADE | 44 |
| 3.1 | EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E SUBVERSÃO <i>QUEER</i> | 44 |
| 3.2 | EXPERIÊNCIA INTERIOR <i>QUEER</i> : SOÇOBRRAR E SE PERDER, NÃO SER | 53 |
| 3.3 | DEVIRES <i>QUEER</i> : MULHER, ANIMAL, MOLÉCULA | 59 |
| 3.4 | OUTRAS CONEXÕES PERVERSAS DE EXPERIÊNCIAS <i>QUEER</i> | 67 |
| 4 | CONCLUSÃO, OU OUTRAS LINHAS DE FUGA | 79 |
| | REFERÊNCIAS | 83 |

1 INTRODUÇÃO

Motriz para o surgimento dos estudos *queer*¹, na década de 1990, foi a problematização das complexas relações de gênero a partir dos estudos feministas do século XX. Suas teorias foram especialmente inspiradas em Simone de Beauvoir, no texto *O Segundo Sexo*, na qual afirma que a feminidade não é posta pelo nascimento, mas algo que se constitui ao longo da existência. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento às categorias de gênero é deslocado do sexo biológico e passa a ser pensado a partir da cultura, promovendo novos pareceres acerca de suas relações. Neste ponto, reside a ideia central de gênero como um construto, revelando não haver gênero que seja natural. Essa proposta foi, então, aprofundada por Judith Butler (2013) para formular o conceito de performatividade de gênero, isto é, como atos e gestos performados continuamente em sociedade, com base em normativas que preveem que os corpos devam manter certa coerência entre sexo/gênero/desejo.

Há, no cotidiano, uma naturalização do gênero como uma categoria binária e estável estabelecida por uma matriz heterocentrada a reger os corpos, normatizando-os segundo concepções pautadas na reprodução. Logo, reconhecer a existência desse sistema, para em seguida colocá-lo em crise, é o primeiro passo para que se possa escapar do pensamento binário, buscando ampliar os espaços de circulação dos sujeitos. Tais pontos serão fundamentais para a exposição de estratégias de resistência que permitam solapar as normas, considerando o estado ficcional das identidades de gênero como possibilidade de subversão das categorias instituídas, a partir de tecnologias de controle.

Nesse ponto, como indagação que balizará esta pesquisa, busca-se compreender como as estéticas *queer*, em suas experiências subversivas na contemporaneidade, podem desterritorializar as normas estabelecidas sobre os corpos, quanto à coerência entre sexo/gênero/desejo, tendo em vista, autorizar um

¹ O *queer*, expressão de língua inglesa popularmente usada para desqualificar os sujeitos considerados anormais e abjetos demais para a vida pública, é politicamente apropriado como termo destinado ao questionamento das normas de sexo, gênero e desejo. Dispõe-se a negar as tecnologias de gestão dos corpos impostas socialmente. Seu potencial político deriva da apropriação crítica do próprio termo derrisório.

futuro no qual os espaços previstos para os corpos sejam esgarçados, possibilitando a existência das multiplicidades.

A partir do problema estabelecido, tenho como objetivo geral expor experiências observáveis nas estéticas *queer* contemporâneas, como políticas de subversão e resistência, que possibilitam desestabilizar as normas de coerência entre sexo/gênero/desejo. Os objetivos específicos dispõem-se a 1) retomar os problemas decorrentes do controle estabelecido por normas heterocentradas a cercear os corpos; 2) reconhecer a existência das multiplicidades como ideal a ser autorizado mediante experiências *queer*; 3) apresentar experiências *queer* que permitam esgarçar os limites estabelecidos sobre os sujeitos, seus corpos e desejos; 4) apresentar exemplos de experiências contemporâneas que contribuam à desestabilização das normas presumidas acerca de sexo/gênero/desejo.

Para tanto, a mobilização dos conceitos de experiência estética, em Walter Benjamin (2012) e Susan Buck-Morss (2012), irá contribuir para a exposição crítica dos poderes que engendram, regulam e controlam todo o corpo social, possibilitando a desestabilização dos sistemas heterocentrados por meio de imagens subversivas, anômalas e imundas. Imagens que, no caso das experiências *queer*, fazem uso deslocado dos termos e das normativas expostas por Butler (2013), como forma de resistir ao controle, subvertendo a coerência por estes estabelecidas. Enquanto que Georges Bataille (1986), com sua experiência interior, possibilita-nos refletir sobre a viabilidade da negação de toda ordem discursiva a nos nomear, enredar em categorias ficcionais e subalternizar-nos como sujeitos.

Deve-se considerar, ainda, o potencial das tecnologias de resistência, sugeridas por Paul Beatriz Preciado (2014a), para a desnaturalização das regras heterocentradas instauradas no cotidiano. Preciado (2009) também produz uma importante análise acerca das normas a partir do que denomina, subsidiada por Guy Hocquenghem (2009), de castração anal, sugerindo subvertê-la com práticas sexuais abjetas. Suas sugestões incluem utilização de *dildos* e deslocamentos antissistema, sejam estes através de pronomes ou apropriações subversivas que possam desconstruir a pretensa instabilidade instituída social e culturalmente pelo poder. Poder este que analiso com o auxílio de Michel Foucault (2014), acerca das sociedades disciplinares, as quais Gilles Deleuze (1992) considera encerradas após a Segunda Guerra Mundial, momento em que surge uma nova sociedade pautada no controle

De Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) recupero o conceito de rizoma, enquanto alternativa a privilegiar as multiplicidades. Os autores viabilizam a reflexão em prol de outras políticas não-identitárias, por meio de suas desterritorializações e deslocamentos em linhas de fuga, assim evitando as cristalizações discursivas. Deleuze e Guattari (2012) contribuem ainda com os devires, conceito formulado a partir dos agenciamentos, cujas intensidades são inumeráveis, possível apenas de se realizar em povoamento, em potências incontrolláveis como os desejos, sempre prontos a escapar, assim como o *queer*.

Dentre os exemplos de práticas subversivas relacionadas aos conceitos expostos, utilizo-me das imagens de Hija de Perra, artista performática, atriz e cantora chilena, pretensamente sórdida em suas exibições, para verificar possíveis experiências *queer*, capazes de irritar, desafiar, romper com as regras impostas aos corpos. Observo, também, as imagens de *Tatuagem*, filme brasileiro de 2013, do diretor Hilton Lacerda, analisando-as enquanto potencialidade política como os devires idealizados por Deleuze e Guattari (2012), multidões de agenciamentos em intensidades favoráveis às desterritorializações. As performances de Ney Matogrosso e de Divine são, também, alguns dos exemplos que utilizo para considerar as subversões *queer* no contemporâneo.

Nesse contexto, inserido na linha de pesquisa Linguagem e Cultura, este estudo compreende as linguagens verbais e não-verbais da contemporaneidade, bem como manifestações culturais e estéticas, produtos simbólicos e seus suportes midiáticos como potencialidades políticas capazes de romper com os problemas dos binarismos e das inteligibilidades. Linguagens fundamentais para o estudo das experiências *queer* que proponho, de modo que este possa contribuir para a revisão das políticas de gênero e sexualidade com base na produção cultural contemporânea.

Partindo do pressuposto de que os gêneros são construtos produzidos no âmbito sociocultural, esta pesquisa se torna justificável ao passo que busca a compreensão de suas relações. A relevância do estudo se dá pela exploração de outras tecnologias de resistência antinorma, ampliando, a partir dos exemplos da cultura contemporânea, as discussões sobre o cerceamento dos corpos. Busca-se, com isso, denunciar as tecnologias de controle heterocentradas, expondo o sistema coercitivo que normatiza os sujeitos segundo categorias pretensamente coerentes de sexo/gênero/desejo.

Espera-se que as experiências aqui expostas possibilitem entrever possíveis subversões, através de suas desterritorializações, as ficções normativas impostas como verdades aos sujeitos. Seja pela apropriação das tecnologias de gestão dos corpos, bagunçando as prerrogativas naturalizantes, ou por práticas subversivas e abjetas que denunciem os danos das normatividades às multiplicidades, limitando a circulação dos sujeitos. De todo modo, espera-se que as experiências aqui expostas possam refletir sobre alternativas políticas que autorizem um futuro no qual as multiplicidades sejam privilegiadas.

Diante do exposto, divido este estudo em dois capítulos. No capítulo 2, exponho as tecnologias de controle e os problemas que decorrem destas para a multiplicidade de corpos e sexualidades no contemporâneo. Apresento, ainda, algumas saídas possíveis a partir das subversões apontadas pelos estudos *queer* que mobilizo, desconectando os desejos dos órgãos reprodutores. Já no capítulo 3, dedico-me à reflexão sobre as experiências para poder sugerir estéticas *queer* que desafiem as normas heterocentradas, bem como desnaturalizar as normativas por meio de imagens de antinatureza. No mesmo capítulo, penso as multidões *queer* como potências de agenciamentos e intensidades desterritorializantes, devires que são, creio, existências sempre dispostas a escapar do embaraço das normas.

2 ESTUDOS *QUEER*: DAS NORMAS HETEROCENTRADAS ÀS POLÍTICAS DE SUBVERSÃO DAS IDENTIDADES

Começo o trajeto deste texto retomando alguns dos caminhos percorridos pelos estudos *queer*, desde o feminismo até as políticas contemporâneas acerca dos corpos. Políticas que endosso por acreditar noutras possibilidades de existência, além dos limites que nos são previstos como verdades irrefutáveis e irrevogáveis.

Questionar as normas estabelecidas pelo que se pode chamar de economia heterossexual é o que pretende os estudos *queer* na contemporaneidade. Isso para que se possam pôr em causa os sistemas que operam na produção de subalternidades que marginalizam os corpos e suas sexualidades engendradas nas relações de poder, sistemas responsáveis também por fundar os padrões de normalidade.

Cabe lembrar que, embora o estabelecimento desses estudos tenha início pontualmente como teoria *queer* nos anos 1990, a partir do feminismo do século XX, um longo caminho foi percorrido até a constituição de determinado aparato intelectual que possibilitasse aos anormais reivindicar visibilidade. Como parte dessa produção intelectual, as políticas de resistência *queer* originaram-se do silêncio ao qual foram submetidos os sujeitos subalternos em seus corpos e desejos anômalos. Contudo, foi somente a partir de críticas contundentes empreendidas sobre as relações de poder a privilegiar a heterossexualidade, o binarismo de sexo/gênero e dados estados compulsórios acerca dos corpos, que seria autorizado o nascimento dos estudos *queer*.

Nesse extenso percurso, os sujeitos anormais foram continuamente marginalizados, como efeito último do poder que se exerce correlativamente em todas as direções, conforme expõe Michel Foucault (2014). Equivale a dizer que não há simplesmente um sujeito oprimido por um poder opressor, uma vez que o poder é onipresente e procede de todos os lugares, suas forças são desiguais, instáveis e produzidas a todo o momento, resultando em estratificações móveis. Toda estratificação é, nesse sentido, uma tomada arbitrária de poder que produz

subalternidades, termo que tomo das análises de Gayatri C. Spivak (2010)², mas, seja qual for o contexto, não faltam estratos a serem denunciados por intelectuais que, segundo a autora, não devem recusar tal tarefa.

Os estudos aqui expostos propõem a desnaturalização dos termos em oposição crítica à normalidade instaurada acerca dos gêneros e da sexualidade, por isso a apropriação do termo *queer*, adjetivo que se refere a estranho, anormal, mas que também denomina um xingamento popular em língua inglesa dirigido, com frequência, aos *gays* (tendo como equivalente em português o termo derrisório *viado*). Assim, ser *queer* corresponde a escapar às normas vigentes, resistir a qualquer estado compulsório que se estabeleça sobre os corpos. Conforme Richard Miskolci (2009), Teresa de Lauretis foi quem inaugurou o termo *queer* no meio acadêmico para designar uma teoria específica para os anormais, em 1990, numa conferência realizada na Califórnia. Àquela altura se resumia ainda a uma alternativa aos estudos gays e lésbicos, mas não tardaria a se tornar o termo apropriado à resistência política empreendida posteriormente.

Nesse contexto, os estudos *queer*, nascidos como críticas aos poderes que operam produzindo estratos, decididamente subalternos em suas causas, encontram boa parte de seu arcabouço necessário ao seu surgimento nas formulações de Michel Foucault, sobretudo em seu texto dedicado à *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, originalmente publicado em 1976. Nesse primeiro volume de sua genealogia da sexualidade, Foucault (2014) assinala que as sexualidades não foram sumariamente silenciadas por um poder opressor, mas, antes, foram instadas a se manifestar por meio de mecanismos de discurso e de exame, produzidos nas complexas relações estratégicas de poder. Nesse sentido, o silêncio é, para o autor, apenas um elemento auxiliar de enunciação, enquanto todo o resto fala prolixamente dos sexos. Por outro lado, a interdição dos corpos é

² Spivak (2010) compõe o grupo de estudos subalternos, os quais se inspiram nos textos de Antonio Gramsci acerca das classes excluídas dos círculos de poder, para formular uma teoria que problematize as minorias do contexto pós-colonial. Para Spivak (2010), porém, os sujeitos subalternos não compõem uma classe como sugere o termo, pois a heterogeneidade das subalternidades inviabiliza a constituição de uma categoria regular. A autora afirma ainda, que por subalterno não se deva tomar qualquer sujeito marginalizado, de modo a aprofundar-se em críticas tocantes ao contexto pós-colonial, com especial atenção às mulheres, duplamente subalternizadas por seu sexo/gênero e pela condição de sujeito colonizado. Nesta pesquisa, são pensadas mais profundamente as subalternidades produzidas nas relações de poder que decaem sobre sexo/gênero/desejo na contemporaneidade, relações que privilegiam dados corpos em detrimento de corpos não-normatizados.

somente um dos efeitos produzidos pelos mecanismos a favor da normalização, e não resultado imediato de um poder a agir diretamente na repressão dos sujeitos.

Outra contribuição essencial de Foucault aos estudos e às políticas *queer*, reside na concepção de que os sujeitos são eles mesmos autorizados a existir nas relações de poder. Portanto, segundo Foucault (2014), o sujeito não preexiste à sua própria ação, de modo que ele é engendrado no instante em que se estabelecem as relações de poder. Assim, nada escapa ao poder, já que nada existe antes ou além dele. Esse ponto é retomado com mais veemência por Judith Butler (1998) ao analisar o feminismo e a questão do pós-modernismo, sendo suas análises acerca das identidades de gênero fundamentais para os estudos que surgiram na mesma década, em grande parte devido à sua crítica do sujeito feminista como categoria estável e fixa.

O que para muitos dos críticos de Foucault significava o fim do sujeito e, por conseguinte, da política, tendo ela se tornado inviável devido à inexistência prévia de um sujeito que a produzisse, para Butler (1998, p. 25) trata-se do ponto de partida para que se possa, ao desconstruir o sujeito do feminismo, lugar de onde fala, “[...] liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir”. Essa liberação da categoria “mulheres”, como termo de referenciais fixos, deve resultar na possibilidade de novas configurações políticas, viabilizando o surgimento de teorias como as que originaram os estudos *queer*.

Spivak (2010), embora não seja considerada uma teórica *queer*, fornece valiosas contribuições para as políticas empreendidas pelos estudos em questão, devido as suas apreciações acerca do silêncio a que são submetidos os sujeitos subalternos do contexto pós-colonial, em especial as mulheres, lugar de onde ecoa sua voz. Com suas análises, ela nos impele a pensar numa prática intelectual suficientemente política que impeça qualquer abstenção crítica, fazendo-nos compreender que se o subalterno não pode falar, tampouco o intelectual deve tomar-lhe a voz em seu nome. Segundo Spivak (2010), seu papel como mulher intelectual, de origem indiana, está duplamente inscrito nas análises que empreende, permitindo pôr em causa a economia falocêntrica e o projeto imperialista a emudecer os sujeitos colonizados, tarefa que assume corajosamente.

Para Spivak (2010), as investigações pós-coloniais, seguindo sua abordagem, devem negar qualquer cumplicidade ao projeto imperialista, sexista e opressor. Isso implica, segundo a autora, desaprender sobre os privilégios intelectuais³ a fim de permitir que outras vozes possam ser ouvidas, quando tomadas de uma consciência própria. Adotada pelos estudos *queer*, essa negação de uma cumplicidade intelectual deve rejeitar, sobretudo, satisfazer às normas de sexo/gênero/desejo engendradas a partir de uma matriz heterossexual, não raramente racista e eurocentrada. Inevitavelmente, nesse processo, o intelectual deve passar pela produção de críticas aos discursos de poder e seus efeitos coercitivos, com o propósito de abrir espaço para que falem tais vozes emudecidas.

Além do mais, nas investigações de Spivak (2010), deparamo-nos com um dos termos fundamentais às causas dos estudos *queer* na direção de uma desconstrução das normas a silenciar os anormais: a subalternidade. Embora essa terminologia tenha sido criada por Antonio Gramsci, de acordo com Miskolci (2009), Spivak (2010), ao analisar a condição subalterna a que estão submetidos os sujeitos colonizados, oportuniza-nos incluir também as políticas *queer* nas causas dos estudos subalternos.

Não se pode, contudo, incorrer no erro de pensar como subalterno todo sujeito marginalizado, como quem produz uma redução simplista ao transformá-lo numa categoria una. Em verdade, segundo Spivak (2010), a subalternidade é sempre tão heterogênea quanto numerosa. É que nem todas as margens são subalternas ou não o são no mesmo nível. A título de exemplo, convém lembrar que as subalternidades latinas são diferentes das subalternidades africanas e que estas se diferem das asiáticas ou europeias. Ou ainda, tomando as subalternidades latinas como exemplo, não se pode determinar que toda latinidade constitui-se de sujeitos subalternos, dada a complexidade das potências que nos autorizam enquanto sujeitos políticos.

³ Para Spivak (2010, p. 88), “ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial “desaprende” o privilégio feminino”. Aqui, Spivak (2010) se refere, mais especificamente, à preferível posição das mulheres intelectuais em esquecer seu suposto privilégio para, assim, contribuir para a disposição de sujeitos críticos que possam vir a falar. De todo modo, esse “falar ao” está vinculado ao papel crítico que deve ser assumido por intelectuais supostamente privilegiados em relação às demais subalternidades, evitando pactuar com os discursos hegemônicos.

Ato contínuo, muitas análises foram comprometidas com a constituição das bases teóricas para os estudos em questão, mas, talvez, as críticas mais rigorosas acerca dos problemas que decorrem das normas de sexo, gênero e sexualidade tenham sido realizadas por Judith Butler em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, livro lançado originalmente em 1990. Nele, Butler (2013) reúne um amplo arsenal de intelectuais na produção de sua crítica feminista, a começar por Simone de Beauvoir que imaginou os gêneros como construções culturalmente elaboradas. Suas investigações resultam num dos textos mais influentes da contemporaneidade sobre o problema das identidades de gênero e do embaraço derivado das normas que cerceiam os corpos e os desejos, o que acaba por inspirar inúmeras produções posteriores.

Bastante ressonante para os estudos *queer* contemporâneos é, também, Paul B. Preciado, seja pelo tom indócil de seu texto, seja pelas experimentações que produz como sujeito político. Seus trabalhos mesclam profundas apreciações críticas com narrativas das experiências que fabrica em seu corpo, resultando no que chama de autoficção – uma mistura de teoria e política *queer*. Preciado (2014b) rompe com as normativas identitárias e sexuais, formulando ensaios corporais a base de estudos fundamentais ao empreendimento de políticas de subversão.

Ao recusar os binômios reducionistas acerca do sexo e do gênero, recusa também as normas, a nação e qualquer fixidez estabelecida nos termos do que compreende como tecnologias de gestão dos corpos na era farmacopornográfica⁴. Em *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*, Preciado (2014b) combina uma narrativa de seus atos corporais – manipulação de testosterona, do uso de *dildos* – com análises radicais acerca dos dispositivos de gestão dos corpos a partir da Segunda Guerra Mundial. Em outro texto, *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*, Preciado (2014a) busca dedicar-se mais veementemente à exposição de exercícios que permitam subverter as normas que recaem sobre os sujeitos, no que tange às sexualidades e aos gêneros. Sua contrassexualidade⁵ é inspirada, ainda, nas produções intelectuais de Jacques

⁴ Preciado (2014b) trata como era farmacopornográfica o período posterior à Segunda Guerra Mundial, momento em que se estabelecem novas formas de controle dos corpos e das sexualidades, marcadas pelas indústrias farmacológica e pornográfica: hormônios sintéticos, cinema pornô, cirurgias plásticas, entre outras técnicas farão parte desse novo sistema capitalista

⁵ Preciado (2014a) sugere práticas que possam subverter as ficções normativas impostas sobre sexo e gênero, rejeitando a natureza e substituindo-a por um contrato contrassexual.

Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Judith Butler e Michel Foucault, o que possibilitou que fossem estabelecidos outros pareceres para a organização de uma política contrária à ordem sexual pós-moneísta⁶.

A seguir, dedico-me à exposição das tecnologias de gestão dos corpos, dos sexos e das sexualidades, além do percurso percorrido até o estabelecimento das normas e da categoria de sujeitos anormais no século XIX. Acrescento, ainda, as minhas leituras dos textos de Deleuze e Guattari (2012; 2014), nos quais as noções de multiplicidade e devir permitem exceder os limites da identidade e da sexualidade normatizada, propondo outro olhar para as anormalidades e subalternidades *queer*. Sirvo-me, também, da concepção de experiência interior de Georges Bataille (1992) como possibilidade de escapar dos discursos identitários, além da experiência em Walter Benjamin (2012) e Susan Buck-Morss (2012) como possibilidade de rompimento com as fantasmagorias normativas e os cerceamentos, por meio das imagens.

2.1 DA BIOPOLÍTICA À SEXOPOLÍTICA: TECNOLOGIAS DE GESTÃO DOS CORPOS, ANORMALIDADES E PERVERSÕES *QUEER*

O *queer* é sempre o anormal, perverso, abjeto por excelência, por escolha e recusa a pertencer aos binômios normativos. Esses binômios são sempre estabelecidos por meio de mecanismos de gestão técnica e política dos corpos, conforme assinala Preciado (2014b) a partir de sua interpretação de Foucault (2014), entendendo não haver simplesmente um agente opressor sobre um sujeito oprimido, mas um amplo e complexo emaranhado de poderes que se entrecruzam na formulação de normas.

A potência das políticas *queer* não está apenas em denunciar os gêneros como categorias ficcionais, mas também os sexos, as sexualidades e seus binômios, assim como pretendem teorias mais radicais incentivadas por estudos como *Problemas de Gênero* de Butler (2013). Ao negar as identidades previstas por um

⁶ Preciado (2011) retoma o primeiro momento em que se utilizou o termo gênero para designar um pertencimento que não estivesse necessariamente ligado ao sexo. John Money, autor de tal definição, sugeria desde 1947 que se pudesse modificar o gênero de qualquer sujeito até os 18 meses de idade. Por isso, Preciado (2011) trata o momento como pós-moneísmo.

regime heterocentrado, os sujeitos *queer* propõem explodir os limites previstos aos corpos e seus desejos, na busca por uma emancipação do ranço identitário imposto como norma social.

Fundamental para as políticas de subversão é a problematização das relações de poder que produzem as subalternidades ao imporem categorias normativas heterocentradas de gênero e sexualidade, conforme expõe Preciado (2014a). Essas categorias resultam no estabelecimento de limites rígidos, porém arbitrários sobre os corpos, funcionando constantemente como cerceadoras das multiplicidades, seja de gênero, seja de desejo, por meio de normas que negam existência a qualquer sujeito que escape à regra. Então, há que se considerar, nos termos de Deleuze e Guattari (2014), a multiplicidade de corpos e de desejos como ideal a ser autorizado mediante o rompimento com as normas, como se verá mais adiante.

Nesse sentido, por intermédio de Foucault (2010), é importante a compreensão de que essas normas possuem duas facetas, embora sua combinação resulte nesse todo ao qual chamamos por norma. Uma diz respeito à normalidade e regularidade, e outra se refere à norma enquanto regra a ser exercida. Portanto, numa se vê instaurar um processo de normalização social, enquanto noutra se vê instaurar certo número de regras de conduta num processo de normatização. Ambas convencionadas no século XVIII depois de longo desenvolvimento de mecanismos nos domínios do poder, tendo maior rigor no século XIX quando se define uma extensa lista de anomalias sexuais, a exemplo de Heinrich Kaan⁷.

Um extraordinário contingente de sujeitos não normativos foi mantido inaudível durante muito tempo, subalternizado por um poder hegemônico a impedir-lhe a existência, especialmente a partir do século XIX, momento em que se convencionou categorizar as anormalidades em detrimento do que seria normal em relação aos corpos e às sexualidades. Nesse percurso em que se desenvolveram os códigos de normalidade, resultante na criação da categoria dos anormais, surpreende a possibilidade apresentada por Foucault (2010) de que o cerceamento dos corpos não se deu pela imposição do silêncio, mas antes pela enunciação

⁷ *Psychopathia sexualis*, publicação de Kaan em 1844. Nela, havia uma lista de categorias distintas de anormalidades ligadas ao sexo e aos desvios de sexualidade, figuras desviadas das normas previstas por uma pretensa natureza. Na lista de desvios estavam casos tais como onania, amor lésbico, violação dos cadáveres, entre outras anomalias.

confessional, nascida, sobretudo na revelação dos pecados. Mais precisamente, o controle dos corpos e das sexualidades se deu mediante mecanismos de discurso, de exame e de análise, fazendo falar a todo o momento dos sexos e dos desejos, o que se intensificou nos séculos XVIII e XIX. A partir desse longo processo, que tem em seu centro a revelação dos pecados, foram instituídos os exames médico-legais e todo um conjunto de práticas em torno da produção de verdade e manutenção da normalidade.

Cabe ressaltar que Foucault (2010, p. 43) compreende por norma “[...] um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado”. Trata-se, então, de parte do aparato que autoriza no cotidiano o exercício do poder, resultando na produção de estratos em todos os níveis. Esses estratos são, portanto, resultados das constantes operações de poder a produzir subalternidade em todos os níveis. Embora, retomando Spivak (2010), seja ainda maior a obscuridade a qual são submetidos os sujeitos excluídos pelas relações patriarcais a subalternizar não apenas os anormais, mas as mulheres e a quem quer que escape às prerrogativas hegemônicas, que a autora estende ao contexto da divisão internacional do trabalho e ao pós-colonialismo. Tais análises empreendidas por Spivak (2010) também a levam a criticar Foucault, na qualidade de intelectual, por negar-se a investigar as relações de poder no contexto imperialista, enquanto produção de estratos.

Para Preciado (2014a), essas normas são parte do aparato excludente que se estabelece por intermédio de dado contrato social heterocentrado na busca por uma normalidade, ainda que fictícia. Heterocentrado, pois busca nas relações reprodutivas o modelo natural a ser representado nos corpos como uma pretensa verdade biológica e binária, o que condiz com um estado compulsório da heterossexualidade exposta por Butler (2013). Neste caso, tal caráter compulsório auxilia na produção de coerção dos sujeitos que escapam às normas, uma vez que suas condutas desviantes põem em risco a manutenção do poder arbitrário ao revelar o caráter ficcional dos códigos que prevê. Esse estado compulsório da heterossexualidade presume, conforme Butler (2013, p. 38), que os gêneros sejam inteligíveis, “[...] aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. O que significa dizer que estão impedidos de existir os sujeitos cujos gêneros não decorram do sexo, ou aqueles cujos desejos não decorram do gênero, nem do sexo.

Impedidos de existir, os anormais compõem essa categoria heterogênea, patologizada e subalternizada por um poder centrado no padrão heterossexual.

No âmbito do poder e com maior rigor a partir do século XIX, houve a elaboração de categorias patológicas relacionadas aos corpos e aos desejos, fazendo nascer uma profusa lista de sujeitos não conformes com o padrão inteligível, sujeitos não coerentes com o modelo voltado à reprodução, o que, com frequência, se relaciona também com a produção de capital. Contudo, Foucault (2010), em suas análises sobre *Histoire de la répression sexuelle*⁸, considerou insuficiente determinar que tal processo se limitava aos meios de produção, uma vez que as classes trabalhadoras menos abastadas nunca foram as primeiras a adotar tais normas, enquanto a proibição à masturbação tenha sido imposta sobre as crianças e jovens em detrimento de formas gerais de sexualidade.

Nessa genealogia, Foucault (2010) mostra que os anormais, em suas sexualidades desviantes, derivam de três figuras fundamentais: *o monstro judiciário, o onanista e o indisciplinado*. Sujeitos que perturbam a pretensa ordem da natureza e os preceitos de normalidade, incapazes de controlar seus próprios impulsos, são aberrações improdutivas que necessitariam, nos códigos da norma, ser disciplinadas enquanto psicopatologias sexuais. Todavia, o início dessa genealogia deu-se, com menor profusão de técnicas de produção de verdade no cristianismo primitivo, quando se originava na forma deliberada e voluntária da penitência, conforme Foucault (2014), a gênese de uma vontade de saber acerca do sexo e dos prazeres, como aparato de poder a serviço do controle dos corpos.

Assim, somente do século VI em diante esse sistema desloca-se de uma confissão voluntária para uma confissão obrigatória, na qual os sujeitos deveriam revelar seus pecados a um padre que lhes concederia uma penitência tarifada, de acordo com Foucault (2010). Essa nova técnica de produção de verdade era exigida mediante pecados graves, de modo que a pena, chamada de satisfação, era empregada como tarifa em conformidade com o peso dos erros cometidos e por meio de um catálogo específico, similar ao sistema jurídico-penal. Nesse processo histórico, são produzidos os sujeitos em suas condutas desviantes, instados a revelar-se no ato da confissão. Isso mais tarde resultará no que Preciado (2014a, p.

⁸ Livro de Van Ussel em que a masturbação aparece como problema para o desempenho no contexto de produção capitalista.

102), citando Samuel Auguste Tissot⁹, considera “[...] a regulação da sexualidade como forma fundamental da produção heterossexual da vida”.

Outra questão imanente aos enunciados confessionais é o aspecto simbólico adquirido nesse percurso, fazendo-se em dado momento mais importante à revelação em si do que a remissão de um possível pecado. Ato contínuo, já no século XIII, vê-se esboçar parte dessa transformação com a publicação dos textos do concílio de Latrão, nos quais fica determinada a obrigatoriedade de revelações regulares, anuais, para os leigos, e mensais, ou semanais, para o clérigo. Em contrapartida, os catálogos de penitências perdem espaço para a arbitrariedade das penas, agora atribuídas à escolha do confessor, para o qual nada se deveria omitir.

Em meados do século XVI foi constituída, na forma de uma pastoral cristã, dado conjunto de técnicas de direção da consciência, ampliando o disciplinamento dos corpos e das almas, conforme Foucault (2010). Então, os sexos foram colocados em discurso, atribuindo-se aos pensamentos desejosos, à imaginação voluptuosa e a qualquer inspiração carnal, na junção entre corpo e alma, a culpa de todo e qualquer pecado. Esse momento foi caracterizado também pela caça às bruxas, pela Reforma Protestante e pela Contrarreforma, potencializada pelo concílio de Trento, como parte das deliberações católicas a interromper seu decréscimo. A partir do século XVII, estando já difundidas as regras da pastoral, são estabelecidas técnicas de exame de si, colocando sobre o sujeito a responsabilidade pelo controle de sua própria consciência acerca do sexo. É interessante perceber como, nesta jornada higienizatória multissecular, por vezes recente, a enunciação dos pecados foi direcionada ao controle da sexualidade não reprodutiva, ampliando-se a vigilância dos corpos desejantes, condicionando-os à autodisciplina.

Assim, tornou-se obrigatório falar, com a maior frequência possível, sobre quaisquer sensações e pensamentos que estivessem relacionados à carne, de tal modo que o sexo foi posto em discurso como nunca antes. Ao confessor definiu-se também, no decorrer da revelação, certa responsabilidade no governo das almas, buscando evitar induzir o penitente ao conhecimento do pecado, de modo que era indispensável extrair do penitente não o pecado em si, mas toda força potencialmente desejosa.

⁹ *L'Onanisme: Dissertation sur le maladies produites par la masturbation*, publicação de 1760 acerca dos males provenientes da masturbação.

Surge, depois disso, uma inflexível forma de controle e de vigilância que se assevera nos seminários, nos colégios, nos quartos e em todos os cantos em que o desejo e o prazer fossem possíveis de considerar. Em suas análises dos textos de Louis Habert¹⁰, dedicados às práticas de penitência, Foucault (2010) considera que tal vigilância se deve ao fato de que a masturbação era praticamente a única forma de sexualidade possível nesses ambientes. Escritos em fins do século XVII, os textos de Habert apontavam os perigos espirituais dos toques desonestos, do prazer solitário dos quais se originariam todos os pecados da carne, refletindo na excessiva normalização do século XVIII e XIX.

Daí em diante se vê expandir o domínio dos corpos com vistas a impedir que os infantes se toquem, tampouco conheçam a si próprios enquanto sujeitos de desejo. Instaura-se nova técnica de controle do deslocamento do pecado como ato para um pecado na ordem do desejo e do prazer. Diante disso, Foucault (2010, p. 165) mostra que “o discurso de revelação, o discurso de vergonha, de controle, de correção da sexualidade, começa essencialmente na masturbação”. Nesse rígido processo de normalização social, política e técnica, que duraria até o século XIX, talvez início do século XX conforme expõe o autor, fez-se instaurar toda uma arquitetura em prol do controle dos corpos.

Estão dispostos, a partir deste ponto, os instrumentos de controle e vigilância que resultaram no desenvolvimento do modelo arquitetônico panóptico, proposto como sistema prisional e de produção industrial, no final do século XVIII pelos irmãos Bentham, conforme expõe Preciado (2014b) citando Foucault¹¹. O panóptico, como modelo disciplinário, tem como efeito uma autovigilância que se constitui pela constante sensação de que se está sendo observado. Tal modelo arquitetônico é parte dos mecanismos de poder-saber disciplinário denunciados pelos teóricos, no qual Preciado (2014b) relaciona posteriormente à pílula anticoncepcional, não apenas devido ao formato circular semelhante ao modelo panóptico, mas também pela constante autovigilância imposta à sexualidade

¹⁰ *Pratique du sacrement de pénitence ou méthode pour l'administrer utilement.*

¹¹ Preciado (2014b) problematiza os mecanismos de vigilância apresentados por Foucault em seu livro *Vigiar e Punir*, utilizando como exemplo o modelo panóptico de arquitetura, desenvolvido pelos irmãos Jeremy e Samuel Bentham no final do século XVIII. O modelo panóptico, cuja disposição espacial se dá de modo circular, possui uma torre de vigilância central, maximizando a observação de todas as celas, no caso do sistema prisional. Consequentemente, ao evitar que o observador fosse visto em sua torre central, o modelo panóptico tem por efeito uma constante autovigilância por parte dos trabalhadores e dos prisioneiros que se sentiriam continuamente observados.

feminina do pós-guerra. Levado a cabo nas últimas décadas do século XX, o efeito panóptico da era farmacopornográfica produziu enormes danos aos grupos de sujeitos cujas sexualidades não tinham por fim a reprodução, especialmente os homossexuais, culpabilizados pela propagação do vírus HIV. Daí resultou muita autocondenação e forte higienização, muitas vezes e infelizmente, produzidas internamente.

Não por coincidência, a partir do século das luzes, os corpos e as sexualidades enfrentaram demasiada exposição, controle e vigilância. Foucault (2010) sugere, ainda, que a partir do século XVIII houve uma superexposição das sexualidades, sem que se diga sobre tais, uma palavra sequer. Essa excessiva valorização dos desejos como um segredo lançou sobre os corpos uma interdição que não se pôs, como se vê, na ordem do silêncio, mas na ordem do saber a fazer falar todos os corpos, servindo o silêncio de apoio aos mecanismos de produção de verdade. Nesse sentido, fala a distribuição dos lugares nas salas de aula, a divisão dos banheiros, a altura das portas, a cama sempre vigiada, a observação dos lençóis dos infantes ao amanhecer, a eliminação dos cantos escuros, tudo fala das sexualidades, ainda que sem seu pronunciamento verbal.

Esse período compreendido entre o fim do século XVIII e o início do XIX foi, segundo Foucault (2010, p. 210), de uma “campanha antimasturbatória” promovida pelos médicos em alerta aos perigos dos prazeres solitários para a saúde em geral. Foram discursos e práticas médicas a serviço da normalização que deslocaram a confissão do espaço religioso para o consultório médico. Esgotamento precoce, fraqueza, palidez, quaisquer que fossem os males, estes eram causados, segundo seus relatores, pelos toques sexuais da infância, de modo que a masturbação foi responsabilizada por muitas das doenças desse período.

Preciado (2014a, p. 101), a respeito desse cerceamento aos desejos cujos fins não se devem à reprodução, faz alusão ao texto de Tissot¹² ao expor que antes de tudo a masturbação era considerada “[...] um desperdício desnecessário de energia corporal que conduz inexoravelmente à doença e inclusive à morte”. Por conseguinte, o efeito dessa campanha foi o mais intenso disciplinamento dirigido aos corpos infantis, ao passo que o espaço doméstico permitiu aproximar pais de filhos, por meio de uma nova organização doméstica que comportasse uma vigilância

¹² *L'Onanisme: Dissertation sur le maladies produites par la masturbation.*

contínua das sexualidades. Não tardaria muito até que Kaan formulasse sua *psychopathia sexualis* no intuito de denunciar qualquer sexualidade que fugisse às normas da natureza, como mostra Foucault (2010).

Tal noção de natureza é entendida por Preciado (2014a, p. 21) como uma “ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros”, pretensa ordem compulsória de normalidade da qual se pode escapar mediante políticas de subversão. Para Preciado (2014a), os corpos são naturalizados segundo uma matriz heterossexual, que os divide de acordo com seus órgãos reprodutores, instaurando a diferença entre masculinidades e feminilidades, entre sujeitos normais e desviados. Daí a importância de que sejam desnaturalizados os corpos, enquanto zonas de produção significativa e estratificante, o que é possível por meio de deslocamentos que reforcem os desvios, as subalternidades anômalas em detrimento desse sistema ficcional heterocentrado.

Na qualidade de criação do século XIX, a categoria de sujeitos anormais foi subalternizada mediante a invenção simultânea de dadas normativas, de acordo com códigos abalizados por um regime disciplinar já existente no século XVIII, como visto em Foucault (2014). Não se pode deixar de assinalar, também, que essas produções oitocentistas são, segundo Preciado (2014b), fruto da divisão do trabalho da carne, no qual cada órgão é territorializado de acordo com a sua função reprodutora e com a produção de masculinidade e feminilidade. Ocorre, então, uma territorialização sexopolítica¹³ dos órgãos reprodutores e normativos, vagina e pênis, em oposição àqueles considerados anormais enquanto produtores de prazer, a exemplo de boca, mãos, pele e ânus.

Por conta dessas territorializações, a família foi posta sob os cuidados médicos, observada e medicalizada, disciplinada por meio de discursos de saber-poder, como revela Foucault (2014). Deu-se início, assim, ao desenvolvimento de novas técnicas de gestão política dos corpos, por meio de discursos e práticas médicas. O que permitiu o surgimento, depois da Segunda Guerra Mundial, de um capitalismo no qual o sexo e a sexualidade fossem transformados em objetos de

¹³Sexopolítica é para Preciado (2011) um regime que não está reduzido à regulação disciplinária da vida, pois diz respeito às tecnologias do sexo, cujo mais bem sucedido produto se deu na heterossexualidade. Tal sexopolítica foi aquela que permitiu o surgimento, no século XX, do modelo farmacopornográfico de sociedade capitalista a produzir e fazer proliferar corpos masculinos e femininos por intermédio de tratamentos químicos, farmacológicos e cirúrgicos, etc.

gestão, farmacológica e pornográfica, sexopolítica, como expõe Preciado (2014b). Para Deleuze (1992) esse é o momento de uma mutação considerável da sociedade, que passa do modelo regido pelas disciplinas para um regime de controle, funcionando como um mecanismo de gestão social baseado em constante insatisfação.

Esse momento é, ainda em seu limiar, de acordo com Deleuze (1992), regido pelo marketing e pelas máquinas de informática, modelo de gestão sob o qual sempre se está sob o risco da pirataria, da interferência, do vírus de computador, do HIV, da ameaça da perda de identidade e dos privilégios de classe, fazendo-se necessárias revisões constantes dos mecanismos de controle. Nesse contexto, o *queer* é o indício de uma falha iminente da norma, ameaçando pôr fim à natureza sexual e de gênero, à família e a toda ordem heterocentrada. Logo, é uma multidão que faz de seu sexo e sua sexualidade anormal uma potência¹⁴ política desterritorializante, como recomenda Preciado (2011) ao pensar em sexopolítica como alternativa à biopolítica foucaultiana.

Se para Deleuze (1992, p.221), analisando a disciplina biopolítica de Foucault, “[...] o controle contínuo substitui o exame”, para Preciado (2014b) esse controle é estabelecido por uma governabilidade biomolecular, bem como semiótico-técnica das subjetividades, parte do modelo capitalista que considera como farmacopornográfico. Não faltam exemplos de tecnologias de gestão dos corpos para esse sistema econômico, a saber: os processos cirúrgicos, medicalização das crianças intersexos, reconstrução de masculinidades e feminilidades, propagação das produções pornográficas auxiliadas pela internet, entre outras. Tecnologias que são, segundo Preciado (2011), consequência de uma ruptura ocorrida já nos anos 1950 com as disciplinas biopolíticas apresentadas por Foucault. Isso se deve em especial a John Money, inventor do termo gênero para designar uma categoria identitária que não fosse produto direto do sexo, em 1947.

Dessa longa e prolixa genealogia, que passou pelos exames disciplinares, chegamos ao regime de controle contínuo em que as subjetividades são geridas através de substâncias químicas e pelas imagens pornográficas. Como

¹⁴Em *Puissances de l'invention: la psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*, Maurizio Lazzarato distingue biopoder de potência de vida, inspirando Preciado (2011) a compreender os anormais, seus corpos e suas sexualidades, como potências políticas, não como meros frutos do poder.

expõe Preciado (2014b, p.35), “el éxito de la tecnociencia contemporánea es transformar nuestra depresión en Prozac, nuestra erección en Viagra, nuestra fertilidad/esterilidad en píldora, nuestro sida en triterapia”¹⁵. Substâncias sempre dispostas a produzir prazer, eliminar falhas, higienizar os desejos e extirpar qualquer vestígio de práticas perversas que possa representar um risco ao modelo heterocentrado de economia, exceto quando tais práticas forem convenientes à indústria farmacológica, ou pornográfica. O que não significa, contudo, dizer que há sujeitos fora ou além desse sistema, na medida em que as subjetividades são, ao menos em parte, produções de tal capitalismo.

Cabe ressaltar que, de acordo com Deleuze (1992), este modelo capitalista ignora grande parte da população mundial, miserável demais para participar do imbróglio mercadológico, incapaz de se endividar, mas impossível de ser eliminada nos termos econômicos atuais. Para tal, Preciado (2014b, p. 49) usa como exemplo a população dos países africanos afetada pela AIDS, corpos excluídos do sistema farmacopornográfico, “biocuerpos precarios cuya supervivencia no ha sido todavía capitalizada por la industria farmacéutica occidental”¹⁶. Não obstante, Deleuze (1992) sugere que o controle deverá, cedo ou tarde, lidar com o desaparecimento das fronteiras e com a diluição dos limites entre os grupos subalternizados e os sujeitos normatizados, o que nos leva a outro parecer político: o desenvolvimento de práticas abjetas que ignorem qualquer projeto capitalista higienizador e profundamente classista. Em outras palavras, isso significa levar a cabo, nos termos da sexopolítica contemporânea, práticas subalternas subversivas que ponham em crise os sistemas de controle das subjetividades: uso não medicamentoso de hormônios, desterritorialização do ânus como órgão puramente excretor, transformando-o em órgão de prazer, rejeição dos binômios identitários, práticas abjetas de sexualidade, recusa de toda norma higienizadora.

A seguir, retomo as análises acerca da instituição das normas heterocentradas, realizadas por Preciado (2009) e Hocquenghem (2009), e o projeto de uma higienização sexopolítica, baseado na castração anal dos sujeitos. Hocquenghem (2009) se detém sobre o desejo homossexual expondo uma

¹⁵ “o êxito da tecnociência contemporânea é transformar nossa depressão em Prozac, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade/esterilidade em pílula, nossa AIDS em triterapia”.

¹⁶ “biocorpos precários cuja supervivência não tem sido ainda capitalizada pela indústria farmacêutica ocidental”.

sexualidade subalterna abjeta, anormal, que resulta da rejeição do complexo de Édipo¹⁷ como formador das sexualidades. Enquanto Preciado (2009) sugere práticas subversivas, por vezes terroristas a partir do uso político do ânus. De todo modo, apoio-me na problemática dos processos de higienização promovidos pelo capitalismo sexopolítico para pensar em práticas subversivas que rejeitem tais normativas.

2.1.1 Terrorismo anal e políticas antissistema

El Deseo Homosexual de Hocquenghem (2009), publicado originalmente na década de 1970, oferece importantes contribuições aos estudos *queer* contemporâneos, de modo que suas reflexões impactaram diretamente na composição de políticas acerca das sexualidades desviantes. O autor é perspicaz na desconstrução de concepções patologizantes a respeito das sexualidades não normativas, ainda que suas análises estejam focadas mais objetivamente no desejo homossexual, conforme prediz o título. Em seu texto, Hocquenghem (2009) percorre as análises de Deleuze e Guattari¹⁸, desarticulando o complexo de Édipo, na qualidade de formador das sexualidades, para poder pensar noutras formas de desejo que fujam àquelas estabelecidas pela psicanálise, caso da homossexualidade.

Para Hocquenghem (2009), as sexualidades desviadas são fabricações do mundo normal, convergindo com os termos de Foucault (2010), embora este último discorde de que tais invenções estejam essencialmente ligadas à produção de capital. Sexualidades anormais que têm o ânus como representante, órgão sujo, abjeto e que, segundo Preciado (2014a), ignora a diferença sexual, ameaçando, por fim, as identidades. Por conta disso, é objeto de gestão sexopolítica desde o século XIX, assim como a boca, a pele e as mãos, órgãos proibidos. Para Hocquenghem (2009), o ânus foi privatizado e está para a vida privada e pudica, assim como o falo

¹⁷Sigmund Freud se inspirou no personagem Édipo, da peça escrita por Sófocles, para pensar a formação das sexualidades na relação entre a criança e seus pais, a complexidade entre o amor que sente e a proibição do incesto.

¹⁸ A publicação analisada no texto de Hocquenghem é neste caso *O anti-Édipo*.

está para a pública, embora represente, nos termos de Deleuze e Guattari (2014), a possibilidade da anulação da diferença dos corpos à medida que possibilita invalidar o falo enquanto significante, negando quaisquer estratificações. Constatação que Preciado (2009) amplia ao afirmar que toda a pele é uma extensão desse órgão sexual sem gênero que desconhece uma finalidade reprodutora, uma ameaça às normas heterocentradas.

Hocquenghem (2009) entende que é o medo ao desejo homossexual que funda a norma heterossexual, motivada por uma castração anal que encerra o ânus à função excretora. Isso se deve ao temor de que a homossexualidade anule toda e qualquer identidade, transformando os sujeitos em figuras abjetas demais para a vida pública. Nem homem, nem mulher, mas coisa amorfa sem desejo localizado nos órgãos reprodutores. Com isso, defende a inauguração de um sistema de *análise* ao adotar o ânus como elemento autorizador de uma sexualidade livre de binarismos, negando a abordagem psicanalítica e seu significante falocêntrico.

Nesse sentido, o século XIX viu nascerem chefes de família, homens bem sucedidos, donos de capital, mas que em rigor são homens de corpos maltratados, machucados cujo ânus é, na verdade, uma cicatriz dessa castração, argumenta Preciado (2009). É com medo de uma sexualidade desviada, da perda do capital, da família e da vida social, que o sujeito permite castrar-se. Por conseguinte torna-se paranóico com relação aos desejos que não pode exercer. Hocquenghem (2009, p. 28) considera que “el miedo a su propia homosexualidad lleva al hombre social al temor paranoico de verla aparecer a su alrededor”¹⁹. Desse modo, o ânus é impedido de qualquer manifestação sexual, resultado da territorialização subalternizadora imposta a esse órgão sem gênero, mantido aberto apenas pelos sujeitos anormais, como defende Preciado (2009).

Em *Terror Anal*, Preciado (2009) defende uma revolução mediante práticas que não produzam margens e exclusões, que não se detenham às identidades, mas se apropriem de toda abjeção como potencialidade política e revolucionária, agenciamentos desviados. Nesse contexto estão as políticas *queer*, que fazem uso do ânus e toda a extensão do corpo como zona de prazer revolucionário e antinorma. Para tal, segundo Preciado (2009), deve-se reconhecer o

¹⁹ “o medo a sua própria homossexualidade leva o homem social ao temor paranóico de vê-la aparecer ao seu redor”.

ânus como orifício antissistema, como máquina capaz de resistir e contestar as normalizações pedagógicas. Assim, seu uso coletivo irá permitir romper com qualquer privilégio normalizador ou estratificador.

Ao reconhecer o ânus como órgão de prazer, dá-se aos sujeitos anormais a possibilidade de se acender a uma plenitude do corpo em sua multiplicidade. “Históricamente el ano ha sido contenido como órgano abyecto, nunca suficientemente limpio, jamás lo bastante silencioso. No es, ni puede ser políticamente correcto.”²⁰ (PRECIADO, 2009, p. 172). Sua apropriação libidinal põe em crise a economia heterocentrada a cercear os corpos, arruinando seu projeto higienizador. O ânus é um órgão de terror e de resistência política, rejeitando as identidades de gênero e sexo, negando ainda os benefícios que porventura o sistema heterocentrado possa oferecer, conforme propõe Preciado (2009). Com isso, compõe-se uma multidão abjeta de minorias sexuais que fazem uso do corpo como potência política. De acordo com Preciado (2011, p. 14) “as minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*”.

2.2 GÊNERO PERFORMATIVO, HETERNONORMAS E TECNOLOGIAS DE RESISTÊNCIA *QUEER*

Sobre a questão das identidades de gênero e sexualidade recai grande atenção aos estudos *queer* contemporâneos, na medida em que o problema das identidades está diretamente relacionado às normativas e, por conseguinte, ao cerceamento dos corpos nos domínios do poder. Nessas normas, há o empecilho da coerência entre sexo/gênero/desejo como parte do aparato regulador fundado por uma heterossexualidade compulsória, exposta por Butler (2013), que determina a inteligibilidade das categorias binárias de sexo/gênero a partir de uma leitura simplista e precipitada dos corpos: macho/fêmea, masculino/feminino, pênis/vagina. Precipitada, pois uma análise mais atenta revelaria haver, na própria categoria do sexo, inconsistência suficiente para que não pudesse servir como verdade biológica

²⁰“Historicamente o ânus tem sido contido como órgão abjeto, nunca suficientemente limpo, jamais o bastante silencioso. Não é, nem pode ser politicamente correto.”

dos sujeitos, conforme aponta Butler (2013). Com efeito, mesmo o sexo aparentemente coerente é dialeticamente problemático como categoria estável, encerrando os corpos em seus órgãos reprodutores.

Butler (2013) esboça acerca dos gêneros o conceito de *performatividades*, isto é, um conjunto de atos e gestos performados continuamente. Esse conceito é derivado da noção de gênero como construto social, elaborado inicialmente por Simone Beauvoir. Para Butler (2013), os sujeitos são cognoscíveis em seus gêneros segundo tais atos e gestos, coisas de homem e coisas de mulher que não se fundam necessariamente no sexo, como cortes de cabelo, maquiagens, vestidos e saias para mulheres, calças e alfaiataria para homens, itens que não passam de atributos sem conexão fundamental com qualquer gênese biológica. Embora os atributos performativos de gênero mantenham certa fixidez de regras, o que se entende por homem ou mulher está mais para um emaranhado de construtos constantemente performados que consolidam tais posições, tornando ininteligíveis suas origens. Além disso, pertencer a esse ou àquele gênero coerente não é um ato que possua fim, tratando-se, pois, de um processo contínuo cujo acordo social impõe que se deva reafirmá-lo diariamente.

Essa pretensa coerência entre os gêneros, os sexos e os desejos é ainda denunciada por Preciado (2014a, p. 25) como tecnologias que produzem as masculinidades e feminilidades a partir daquilo que denomina por “equação natureza = heterossexualidade”. Para tal feito, é imperativo dividir o corpo em suas partes reprodutoras, órgãos que em suas assimetrias servirão como significantes de uma naturalidade heterocentrada das sexualidades. Resulta dessa equação, pautada na reprodução, o conjunto de estilizações corporais repetidas a recitar incessantemente os códigos da normalidade, como se fossem regras da natureza.

Preciado (2014a) sustenta haver acerca dos gêneros o caráter prostético, no qual o corpo não preexiste aos gêneros, assim como o pênis não preexiste ao dildo²¹. Ao contrário, o pênis é, segundo o sistema heterocentrado, produto de uma fictícia inteligibilidade e precisão dos órgãos sexuais, prontos a constituir uma pretensa totalidade do corpo. Verdade que uma prótese em sua regularidade

²¹Para Preciado (2014a) o *dildo*, termo de uso inglês, refere-se a um objeto fálico com o qual inúmeros pênis se assemelham, aspecto este usado como base para descrever uma produção prostética dos sexos masculinos. O *dildo* é, ainda, objeto de uso em práticas sexuais não reprodutivas, deslocando do pênis a função de órgão produtor de prazer.

precede o pênis enquanto forma, uma vez que o órgão reprodutor masculino não apresenta uma gênese formal natural suficiente para inspirar e prescrever a si próprio. Assim, as idealizações não possuem um passado apreensível, ficando aparente nas técnicas para aumento peniano, inspiradas em dada precisão e inteligibilidade não localizáveis.

Nesse sentido, os órgãos reprodutores possuem uma função acumulada de produtores de inteligibilidade dos corpos como masculinos ou femininos. Isso pode ser verificado na constante produção de masculinidades e feminilidades contemporâneas, muitas delas por meio de processos cirúrgicos, como mastectomia²², histerectomia²³, vaginoplastia²⁴ e faloplastia²⁵, aplicação de silicone ou processos menos invasivos como aumento dos lábios, até mesmo academia e manipulação de testosterona. Desse modo, seguindo os termos de Preciado (2014a), constatamos que os gêneros são parte das tecnologias reguladoras heterocentradas, mas que não se restringem a acrescentar-se aos corpos à medida que também os corpos são fabricações dessa mesma tecnologia. Com isso, os órgãos, frutos dessas tecnologias complexas, são produzidos com base nos ideais de uma natureza não preexistente, fruto dos ideais do capitalismo farmacológico e pornográfico.

Para Butler (2013), a categorização dos sujeitos como masculinos ou femininos é uma fragmentação deles em seus órgãos reprodutores, o que produz uma descontinuidade do corpo, restringindo-o a ponto de torná-lo dominável, sujeito a serviço de uma subalternização. De todo modo, não são os atributos biológicos de sexo que estão em evidência nos corpos que circulam em sociedade, mas um amplo número de performatividades, sempre submetidas aos padrões de normalidade estabelecidos pelo que Preciado (2014a, p. 28) chama de “tecnologia social heteronormativa” a produzir corpos-homem e corpos-mulher nas instituições linguísticas, médicas e domésticas. Isso se dá, por exemplo, nos enunciados proferidos acerca dos corpos infantis no momento do nascimento, que devem ser interpretados, segundo a autoria, como enunciados contratuais heterocentrados, os quais “não passam de invocações performativas – mais semelhantes a expressões

²² Remoção dos seios, por meio de processos cirúrgicos.

²³ Cirurgia para remoção do útero.

²⁴ Reconstituição cirúrgica da vagina.

²⁵ Constituição cirúrgica do pênis a partir de enxerto de pele.

contratuais pronunciadas em rituais sociais tais, como o “sim, aceito” do casamento”, argumenta Preciado (2014a, p. 28), resgatando termos da teoria *queer* nos anos 1990 de Butler e Eve K. Sedgwick.

Evocando de Gayle Rubin²⁶ o conceito de sistema sexo/gênero, Preciado (2014a, p. 22) descreve o que compreende como um sistema tecnológico no qual as “[...] práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos [...]” pertencentes a uma estrutura complexa de negociações constantes, pautadas na natureza. O resultado de tais negociações se dá na forma das identidades e práticas ligadas ao sexo, de modo que não podem ser consideradas verdades biológicas antecedentes a tais sistemas, ainda que inspirados na natureza como caráter original.

Com base nas análises de Butler (2013), produzidas com auxílio teórico da *metafísica da substância*²⁷, podemos compreender que as identidades de gênero são antes fabricações elaboradas constantemente na superfície dos corpos, baseadas na ficção de uma natureza primeva, com a expressão de alguma subjetividade ou dada substancialidade. Para Butler (2013), essa ideia de uma verdade dos gêneros é constituída mediante práticas reguladoras a prever a inteligibilidade dos corpos. Assim, por intermédio de amplo conjunto de atos e gestos, os gêneros são performativamente elaborados a partir dos sexos, mesmo que o resultado não seja a cópia dos pressupostos naturais observáveis entre macho e fêmea. Além disso, não há por trás das expressões de gênero o que a rigor se poderia chamar de identidade, já que tais expressões não indicam verdadeiramente qualquer essência dos sujeitos, de modo que até mesmo os corpos, como expõe Preciado (2014a), são resultantes dessas tecnologias heterocentradas de produção/re-produção.

Em vista disso, é função dos estudos *queer* e suas práticas políticas expor o caráter ficcional das normas heterocentradas para exigir dada inteligibilidade dos corpos que determinam a coerência sexo/gênero/desejo. Nesse sentido, Butler (2013) sugere a apropriação política das performatividades em configurações

²⁶ *The Traffic in Women*, artigo publicado em 1975.

²⁷ Termo retirado de Friedrich Nietzsche, de sua reflexão sobre a substancialidade do ser.

descontinuadas que expõem as inverdades das identidades e do ideal regulador, disfarçado de lei do desenvolvimento em prol da manutenção da ordem. Ao passo que Preciado (2014a, p. 27) sugere a produção de tecnologias de resistência que tenham em vista “reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado” por meio do que ele chama de contrassexualidade, como possibilidade de modificar as posições de enunciação, reposicionar os sujeitos e sacudir as instituições em que estão autorizados os corpos, como veremos a seguir.

2.2.1 Subversão das identidades, paródia e contrassexualidade

Se os gêneros foram denunciados como ficcionais, a noção de identidade revela-se demasiadamente problemática, produto do que agora se pode entender como tecnologias heterocentradas de produção, por meio das quais também o corpo inteligível é resultado. Cabe lembrar ainda a proposta de Butler (1998) para uma liberação dos sujeitos das categorias identitárias, dispensando-os da necessidade de uma preexistência às ações políticas, o que possibilitaria outras configurações mais eficazes para as causas do feminismo e, no caso desse estudo, para as políticas *queer*.

Diante disso, a necessidade das identidades pode resultar na cristalização dos sujeitos em pertencimentos ficcionais, naturalizantes e propensos à subalternização dos corpos. Abster-se das identidades presumivelmente estáveis evita qualquer contribuição para com a subalternização das discontinuidades de sexos, gêneros e desejos desviantes, ao passo que viabiliza deslocamentos assignificantes e abala as instituições nas quais os sujeitos coerentes são autorizados.

Não obstante, considero as políticas pautadas nas identidades e as ações afirmativas promovidas por grupos de sujeitos subalternizados, em seus corpos e desejos desviantes, indispensáveis às lutas por igualdade de direitos, à vida e à plenitude social administrada até então. Em todo caso, nenhuma comunidade nos termos do pertencimento identitário demonstra-se livre da produção de novas margens, referindo-me mais objetivamente à comunidade gay com a qual compartilho certas afinidades. Quero, com isso, dizer que mesmo os sujeitos

anormais organizados na defesa de direitos comuns são propensos à produção de naturalizações excludentes em seu seio. Diante de tal, prezo pelos caminhos propostos por Butler (2013) e Preciado (2014a) de uma desnaturalização dos corpos e dos desejos enquanto coerência e inteligibilidade, expressamente ficcionais. Para isso, é preciso desconstruir as identidades como verdades por intermédio de práticas subversivas, como propõem os estudos aqui expostos a fim de autorizar quaisquer que sejam as existências.

Se os sujeitos, em seus corpos e desejos desviantes, não pertencem às categorias prescritas pela norma, tampouco os sujeitos que se reconhecem pertencentes ao sistema binário possuem uma identidade de gênero que se possa reconhecer como substantiva. O que existe é uma ilusão, criada pelas normas heterocentradas, de que possa haver identidades categorizáveis que permitam aos sujeitos compor grupos de corpos coerentes, uma vez que não existem sujeitos unos em suas identificações e que tampouco estes compartilhem de uma constituição comum e regular, dada a variedade de corpos e a impossibilidade de se considerar qualquer fixidez das substancialidades.

Como mostra Spivak (2010), é papel de toda produção intelectual, como resultado de sujeitos dotados de consciência, denunciar os sistemas nos quais se produzem as subalternidades, neste caso das identidades heterocentradas previstas como norma. Isso é possível, conforme Butler (2013), por meio da subversão parodística dos gêneros inteligíveis, da apropriação política das performatividades masculinas e femininas por corpos irregulares, resultando na exposição do caráter ficcional de toda identidade. Para a autora, “[...] o riso surge com a percepção de que o original foi sempre um derivado” (BUTLER, 2013, p. 198).

Nesse contexto, atos corporais subversivos, como as *performances* das *drag queens* e *drag kings*, são capazes de desestabilizar as estruturas relacionadas ao poder a regular os corpos dos sujeitos, fazendo-as ruir pela exposição do caráter ficcional das naturalidades, sugere Butler (2013). Para a autora, as *performances* em suas teatralidades fantasiosas podem não apenas ironizar as performatividades apropriando-se delas e sobrepondo-as a corpos incoerentes, mas também desconstruir a inteligibilidade prevista entre sexo/gênero/desejo ao fabricá-lo de modo descontínuo e desnaturalizado.

Com isso, Butler (2013) desenvolve a possibilidade de fazer divergir em seus termos a heteronormatividade, expondo a contingência dos corpos em três

dimensões: do sexo anatômico, das identidades de gênero e das performances de gênero. Tais atos, subversivamente performados por meio da paródia, permitirão desorganizar as normas reguladoras, tornando visivelmente instável a coerência dos corpos, mediante desnaturalização da norma heterossexual. Se um corpo supostamente masculino pode vir a tornar-se aparentemente feminino, por meio de performatividades parodísticas de gênero, a inteligibilidade é posta em crise. Com efeito, estas políticas tendem a conduzir o caráter compulsório da heterossexualidade ao descrédito, pondo em causa as categorias de coisas determinadas para dados ou outros dados corpos, bem como os limites aos quais os mesmos estão restritos.

Com efeito, a coerência das identidades necessita ser criticada para autorizar as multiplicidades de corpos e desejos subalternizados por poderes normativos, em todos os níveis. Para isso, Preciado (2014a) sugere tecnologias de resistência, políticas de subversão das identidades realizáveis por meio de deslocamentos contrassexuais. Sugere, ainda, que a natureza precisa desaparecer como ordem a determinar as identidades que legitimam a superioridade de dados corpos sobre outros. Isso é realizável mediante um *contrato contrassexual*²⁸ que pretende negar as identidades sexuais determinadas pela natureza, ainda que provisoriamente, deslocar os artigos, reconhecer os sujeitos como corpos falantes negando significações cristalizadas entre masculinos ou femininos, assim como recusar qualquer benefício que porventura possa vir a obter com determinada identidade.

Preciado (2014a) recomenda, também, deslocar o desejo dos órgãos sexuais heterocentros, negando a reprodução como finalidade do ato sexual e anunciando todo o corpo como superfície de desejo, assim como promovendo uma ressexualização do ânus como órgão de prazer. Propõe, ainda, uma ressignificação contrassexual, na qual se faz uso de práticas consideradas abjetas pela sociedade heterocentros, reconhecendo o *dildo* como objeto de desejo assignificante,

²⁸Preciado (2014a) sugere um *contrato contrassexual* com o qual os sujeitos, ao assinar, concordam em renunciar voluntariamente à condição natural das identidades, bem como seus privilégios sociais, econômicos, patrimoniais e toda obrigação proveniente das categorias heterocentros. Com isso os sujeitos reconhecem-se como corpos falantes cujos desejos não serão direcionados para relações naturalizantes.

elemento que, como vimos, antecede o pênis enquanto instrumento de desejo inteligível a partir do qual o pênis seria também constituído prosteticamente.

Desse aspecto protético, Preciado (2014a) alude à constituição dildotectônica²⁹ de que os *dildos* em suas mais diversas versões, sintáticas e semânticas, são estabelecidos como produtores de prazer, a saber: braços, cabeças, pernas, troncos, dedos, línguas, charutos, corpo inteiro, pepinos, cenouras, vibradores, etc. São práticas perversas que denunciam as tecnologias de produção de coerência subalternizadora, o que poderíamos chamar, seguindo os caminhos propostos por Preciado, (2014a, p. 31), de práticas antinaturais, desviadas e anormais, “[...] imposturas inorgânicas, mutações protéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso”.

Subversão das identidades, paródia, deslocamentos assignificantes, tecnologias de resistência, contrassexualidade, rejeição às normas, estes mecanismos de resistência têm em comum potencial político capaz de desconstruir as normas como naturalidade a subalternizar os corpos. Se os gêneros são resultado de tecnologias de produção de inteligibilidade, por vezes, autoparodísticos, a composição de tecnologias contrassexuais deve, segundo Preciado (2014a), desorganizar as normas heterocentradas pondo em crise suas fundações. Nesse contexto, ao deslocar temporariamente os artigos a/o, assume-se nomes descontínuos em relação aos sexos, utiliza-se desejosamente da totalidade do corpo como superfície política, potência desviante, negando os contratos sociais normativos e não pertencendo às identidades coerentes.

Pensar como o *queer*, o anormal, o subalterno é, também, um modo de expropriar-se, ou seja, elaborar um movimento para fora do que é próprio e apropriado para cada gênero, para cada corpo ou desejo. O *queer* demonstra que cada pertencimento é, ao mesmo tempo, um pertencer que se desfaz no momento mesmo em que o pertencimento se constrói.

²⁹Preciado (2014a) defende a dildotectônica como uma produção protética de dildos assignificantes deslocados do pênis, enquanto órgão heterocentrado de desejo, para outras partes do corpo. Propõe o *dildo* como modelo a inspirar a construção de muitos dos pênis que se poderiam determinar como inteligíveis, caso das cirurgias para constituição peniana. Dessa lógica, sugere que outras partes do corpo possam ser produtoras de prazer inspiradas no *dildo*, é daí que se origina a dildotectônica em que *dildo* = prótese e *tékton* = construtor.

2.3 UMA LINHA DE FUGA RIZOMÁTICA: POLÍTICA RADICAL DA MULTIPLICIDADE SEXUAL

Bastante problemática é a noção de que há nos sujeitos unidades identitárias às quais se podem acrescentar outras unidades passíveis de enumerar, tais como família, raça, credo, sexo, gênero e sexualidade. Essa ideia desconsidera os inumeráveis atravessamentos imagináveis dos quais somos constantemente fruto, o que resultaria na concepção de sujeitos unos e estáveis sob o efeito de pseudomultiplicidades, tomando o termo de Deleuze e Guattari (2014), ainda que essas concepções sejam contextualizadas na pós-modernidade, em que as identidades são compreendidas como mutáveis³⁰. Em Foucault (2014), as identidades dos sujeitos são estabelecidas dentro de uma situação estratégica de poder, mas ainda é possível que isso resulte na exclusão de atravessamentos múltiplos não hegemônicos. Não que o autor considere um poder agindo de cima para baixo, mas nem por isso nega que haja inúmeros estratos em que diferentes forças de poder resultem na subalternização de sujeitos não pertencentes às identidades previstas pelas normas.

Isso parece menos problemático em Deleuze e Guattari (2014) a partir do princípio de *multiplicidade* que atravessaria, segundo eles, todos os corpos e, assim, não os permitiria encerrar em unidades fixas, tais como as identidades. O múltiplo não está relacionado às unidades, de modo que as opõe na elaboração de outra concepção dos corpos, não sendo composto de partículas significantes. O múltiplo necessita ser tratado como substantivo, no qual não deve haver qualquer agente estratificador que faça predominar qualquer unidade significativa. Desse modo, não há uma noção que se possa pensar como identidade, já que só pode haver identidade quando há tomada de poder por agentes significantes a produzir unidades. Nesse sentido, “uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que

³⁰Noção defendida por Stuart Hall no livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, no qual o autor pensa os sujeitos pós-modernos não mais como unos, ainda que isso não o permita ir além das identidades como conjunto de elementos unitários que se acrescentam aos sujeitos. Para Hall as identidades perderam clareza na pós-modernidade provocando certo deslocamento dos sujeitos. Esse sujeito descentrado é o que se pode compreender como alguém cuja identidade não apresenta fixidez, portanto, não se faz pertencer unicamente a uma dada categoria, classe ou grupo devidamente definido, tornando-se instável e inconstante, composto assim, de várias identidades.

mude de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 23). Essas grandezas que se ampliam dimensionalmente ao infinito, segundo o estabelecimento de conexões, são agenciamentos que compactuam com as multiplicidades. Pensar as sexualidades como multiplicidade é permitir que se façam delas infinitas conexões, tais como ocorre no rizoma³¹ de Deleuze e Guattari (2014).

Diferentemente do que se pode observar nas raízes, ainda que possa haver sinais de multiplicidade nelas, o rizoma não se encerra em um determinado ponto, pois suas conexões se entrecruzam e se ampliam por agenciamentos e linhas de fuga. Nas raízes, tais sinais de multiplicidade, conforme Deleuze e Guattari (2014), não passariam de *pseudomultiplicidades arborescentes*. Nesse sentido, tem-se desejo quando este é instado a direcionar-se objetivamente a um, ou outro sujeito/objeto, como se houvesse na sexualidade alguma fixidez numerável. Por outro lado, no rizoma também são presumíveis bulbos e radículas, pontos territorializados, forçando os sujeitos a uma constante produção de *agenciamentos maquínicos*, essas pulsões desterritorializadoras.

A saber, todo território apresenta-se como a estabilidade da fixidez, sempre pronta à exclusão, pois prevê também que quaisquer estados múltiplos devam ser sumariamente fixados em signos estáveis, o oposto do rizoma. Por isso, um agenciamento maquínico, ligado à máquina de guerra, aos grupos minoritários, oprimidos e revoltados, contrários às instituições, à família, ao Estado, à escola, à profissão em prol de conexões múltiplas a se exercerem como rupturas desterritorializantes, pulsões, como sugerem Deleuze e Guattari (2012). Uma multidão *queer*, formada por minorias sexuais, de acordo com Preciado (2011), é um agenciamento maquínico, potência incontável de resistência à norma.

Distinto de *raízes* e *bulbos*, o *rizoma* vale-se de linhas e intensidades, em constantes agenciamentos que não cessam de ampliar-se e modificar-se ao passo que aumentam suas conexões. Ao passo que a raiz se fixa em pontos estáveis, como identidades unas, arborescentes, o rizoma escapa incessante e ininterruptamente em linhas de fuga e intensidades assignificantes.

Neste ponto, parece mais razoável abandonar a interpretação significativa do inconsciente, pretendida pela psicanálise, para que se possa compreender o

³¹Deleuze e Guattari (2014) retiram da biologia o termo rizoma, utilizando-se dele como proposta filosófica para pensar o mundo a partir de conexões, multiplicidades, linhas de fuga, agenciamentos.

desejo como esses agenciamentos infinitos, cujos atravessamentos não se podem apreender. Pois, seria mesmo o desejo interpretável, ou localizável, possível de ser fixado como ocorre com bulbos e raízes? Deleuze e Guattari (2014, p. 32), em sua crítica à significação e interpretação, afirmam ser “sempre por rizoma que o desejo se move e produz”, de modo que ao significá-lo se está fixando-o e encerrando-o em sistemas arbóreos, levando-o à morte. A saída, neste caso, é reconectá-lo ao rizoma, fazendo com que torne a escapar de tais territorialidades por linhas e agenciamentos que o possibilitem existir.

Ao rizoma não cabe determinar se isso ou aquilo resulta em algum significado, ou faz algum sentido, o que o levaria a uma cristalização em terminações territoriais. Ao invés disso, é formulado nas relações que se estabelecem segundo suas linhas e alianças localizadas no meio, pois no rizoma não há começo nem fim detectáveis, já que está, segundo Deleuze e Guattari (2014), entre as coisas, nas conexões que estabelece.

O sistema *árvore-raiz*, ainda que possua linhas, caracteriza-se pela fixidez territorial que não possibilita deslocamentos, ou outras conexões para além de sua própria estrutura. Carece de uma unidade central da qual partem linhas que se duplicam e duplicam, mas sempre dependentes de um eixo pivotante, conforme Deleuze e Guattari (2014). Tal fixidez é aquela das identidades, cujas raízes partem de um eixo centralizado no próprio sujeito. Com isso, cada nova identidade que se articula sobre este eixo está sujeita aos estratos territorializados que se produzem ao seu redor. Trata-se de imaginar um sujeito uno, centrado, cuja identidade se compõe de linhas pivotantes, como pertencimento racial, familiar, de gênero e sexualidade, os quais, embora cambiáveis, fixam o sujeito pelas raízes que se formam em seu entorno. Não se trata, contudo, de dizer que os sujeitos *queer* estejam além de qualquer identidade, mas que, ao negar a fixidez significativa de dada unicidade, abrem-se para conexões outras que não se permitam cristalizar.

Bulbos, por sua vez, ainda que se lancem para além de um centro original, acabam por se isolar em territórios fixos. Para Deleuze e Guattari (2014), nem raiz fasciculada, com todas as quebras descentralizantes que produz, nem bulbo, ou ainda radículas, aproximam-se da máxima empreendida pelo rizoma em suas conexões ilimitadas e desterritorializadas. Contudo, não é verdade que rizomas não possuam nenhuma relação com bulbos e radículas, ou ainda árvores-raízes. Sistemas rizomáticos são compostos também por pontos tuberosos, bulbos e

radículas, mas não se encerram em tais pontos, pois toda intensidade existente no rizoma não o deixa cristalizar e sempre haverá uma linha de fuga por vir a desterritorializá-lo.

Pautadas na equação $n+1$, as raízes podem se acrescer de outras unidades a partir de seu eixo pivotante, o mesmo se dá com as identidades da pós-modernidade à medida que o sujeito se identifica a novas unidades de pertencimento. Assim, outras ramificações seriam adicionadas a esta raiz primeira ($n =$ sujeito), o que não lhe permitiria desterritorializar-se, visto que raízes necessitam de fixidez. De modo que no rizoma, mesmo que seja observada a existência de bulbos e radículas, o que se vê é um emaranhado infinito de conexões múltiplas, linhas de fuga e atravessamentos que não se encerram em um ou outro ponto. Ele implica infinitos agenciamentos, potências que não cessam sua ação, estabelecendo conexões múltiplas nos *corpos sem órgãos*, o oposto do que foi empreendido pelas identidades até então pensadas. É nas conexões, em toda a sua multiplicidade, que ocorre o que se poderia definir por uma sexualidade rizomática, livre de qualquer unidade e por isso múltipla.

Apesar de a aplicação destes princípios implicarem algum risco para as políticas de representação, uma vez que estas dependem fortemente das unidades identitárias, a multiplicidade tanto do desejo quanto dos gêneros pode ser idealizada como uma política radical que possibilite fugir do binarismo e das regras que o cercam a partir do poder. A máxima de uma política que se pretenda rizomática seria o descarte de toda concepção prévia que se tem sobre gênero e sexualidade, produzindo apenas multiplicidade, cujas expressões de desejo e elaborações imagético/estéticas se pautariam nos agenciamentos constantes, linhas de fuga e infinitas conexões, sem começo nem fim. Não haveria sequer qualquer definição de gênero, pois masculinidade e feminilidade já não seriam mais unidades mensuráveis. Haveria somente corpos sem órgãos, nos quais as sexualidades rizomáticas advêm do esvaziamento de qualquer unidade representativa e significativa para que eles possam ser atravessados pelos agenciamentos, o que equivale à equação $n-1$ empreendida por Deleuze e Guattari (2014).

Projeto de uma eliminação de toda diferença sexual e de gênero, a equação $n-1$ resulta numa radicalidade democrática dos corpos, nem pênis, nem vagina. Só nos resta o ânus, órgão de uma revolução, possibilidade de desterritorialização dos corpos e dos desejos, que Preciado (2009), a partir de suas

leituras de Hocquenghem, Deleuze e Guattari, chamou de uma utopia anal a desafiar a ordem, a lógica da identificação e toda higienização sexual, pois o ânus não reconhece binarismos, só concebe multiplicidade e rizoma.

Também importantes ao rizoma, os princípios de *conexão* e heterogeneidade preveem quaisquer relações sob o argumento de que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 22). O mesmo não ocorre em sistemas arborescentes, uma vez que estes dependem de fixidez territorial. Essa diferenciação permite entender os agenciamentos como traços livres em todas as direções, sem resultar num determinado ponto, ou signo apreensível já que não há conexão que se encerre e se limite a dado território. O que está em jogo não são os fins, mas os meios que possibilitam aos traços circular e fugirem em direções quaisquer, conectando-se de modo não linear a um ou outro ponto. Essas potências e intensidades que se dão coletivamente são *agenciamentos coletivos de enunciação* que se conectam heterogeneamente, em todas as direções, fundando, também, os sujeitos em suas multiplicidades.

Tal como um mapa, as conexões rizomáticas podem ser feitas e desfeitas, segundo as experiências produzidas no real, ao passo que as árvores seriam decalque a reproduzir significados daquilo que já existe, mesmo inconscientemente. Nos princípios de cartografia e decalcomania, ambienta-se uma das críticas empreendidas por Deleuze e Guattari (2014) com relação à psicanálise, questionando a insistente necessidade de conferir significação às manifestações do inconsciente. Um mapa, ao contrário, é aberto e aceita novas conexões, experiências de intensidades mutáveis, agenciamentos ao infinito. No sistema cartográfico, as experiências se elaboram e permitem aos sujeitos sua constituição múltipla, indiferente do que possa ser previsto pelo inconsciente. Logo, mapas são assignificantes e se realizam nas conexões e agenciamentos que se fazem nele. Agenciamentos que, nas palavras de Deleuze e Guattari (2014, p. 24), são “[...] este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”. A árvore, porém, é o modelo representativo que se reproduz por meio do decalque de um inconsciente cristalizado, cujos códigos são preestabelecidos.

Estratos e territórios também compõem o rizoma, mas é nas *rupturas* que produz suas linhas de fuga e agenciamentos que o rizoma se desterritorializa, e

muda de natureza estabelecendo novas conexões. Ao desterritorializar-se, o rizoma desautoriza, ainda, a estratificação significativa que constitui os sujeitos, pois o múltiplo não está no estrato, o múltiplo não é localizável, enquanto que estratificar é dar “[...] poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito – tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 26). Assim, o princípio das rupturas nos permite pensar desterritorializações de estruturas significantes, ainda que qualquer ponto do rizoma possa cristalizar-se em face de microfascismos individuais ou de grupos que o queira mediante uma tomada de poder.

Essa cristalização é observável também nas políticas de gênero/sexualidade contemporâneas pautadas, muitas vezes, nas identidades como signos estáveis aos quais grupos de minorias se identificam em prol de uma representatividade e poder de fala. O resultado desse regime identitário é, não raro, a exclusão de outros corpos, outras sexualidades, como se não fosse mais válido compor uma multidão. Neste caso, como sugestão antinorma, melhor escapar em linhas de fuga, endossar agenciamentos maquínicos, compor multidões *queer*, escapar de tomadas de poder significantes, rejeitar microfascismos excludentes que não cessam de marginalizar e negar a existência às multiplicidades, isto é, experimentar e experienciar atos corporais subversivos, romper com a norma por meio de experiências *queer*, como sugiro no capítulo seguinte, relacionando política com estética *queer* a exemplo da contemporaneidade.

3 EXPERIÊNCIAS *QUEER*: ESTÉTICA E POLÍTICA ANTINORMATIVIDADE

Atentei-me até aqui à exposição de análises acerca dos estudos *queer* contemporâneos, ocupando-me em abordar os problemas das identidades e das categorias pretensamente coerentes entre sexo/gênero/desejo, no intuito de expor políticas a favor das multiplicidades. Agora, apresento algumas das experiências que tomo como potencialidades políticas que revelam a ficção das normas heterocentradas, permitindo pensar outras formas de esgarçar os limites a que estão submetidos nossos corpos. Busco, assim, a exibição de conceitos que permitam compreender a potencialidade das imagens enquanto estéticas *queer*, relacionando inicialmente as multidões com a experiência elaborada por Walter Benjamin (2012), proposta publicada na primeira metade do século XX. A partir da experiência sugerida por Benjamin (2012), Susan Buck-Morss (2012) caminha na direção de uma estética que se opõe à anestésica, sobre a qual pensarei na sequência pelo viés das anormalidades enquanto potência antinorma.

3.1 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E SUBVERSÃO *QUEER*

No cotidiano, muitos são os corpos subalternizados por normas impostas a partir de uma matriz heterossexual, negando-os a possibilidade de existir enquanto multiplicidades, ponto que nos insta a resistir, existir como potência, como multidão que rejeita a higienização sexopolítica. Só podemos existir plenamente mediante o atendimento às normas que regulam a vida social, o que revela a necessidade de que sejam negadas perversamente às normativas que nos enredam à margem. Diante dessa subalternização, proponho como política anormal uma experiência *queer*, a partir da experiência estética concebida por Benjamin (2012), que se reflete nas análises de Buck-Morss (2012) como forma de contrariar aquilo que a autora concebeu como anestésica, conforme veremos.

Benjamin (2012) revelou haver nas imagens que inundam o cotidiano uma forma de miséria ainda nova para o seu contexto fruto do desenvolvimento da técnica com que são produzidas. Em seu texto *Experiência e Pobreza*, publicado

originalmente em 1933, denunciando a fantasmagoria presente nas imagens amplamente difundidas a partir do século XIX e, mais fortemente, após a Primeira Guerra Mundial, ao tirar da humanidade a experiência da pura realidade, galvanizando os sentidos com imagens de aparato ilusório em sua reprodutibilidade técnica. Caso das campanhas publicitárias que estabelecem modos de vida em detrimento de outros modos possíveis, atribuindo às mulheres e aos homens dados papéis engessados segundo seus sexos, embora os resultados sejam menos penosos para os sujeitos do masculino. Cores para um sexo, cores para outro sexo, objetos atribuídos a dados corpos e negados a outros, imagens que introjetam um pensamento higienizador na mentalidade cotidiana, por vezes, não reflexiva.

São muitos os sofismas a enredar os sujeitos nas normas das quais nenhum corpo haveria de pertencer sem ser submetido e subalternizado, reduzido à condição de cifra como aponta Deleuze (1992). Constantemente tais imagens relacionam-se a corpos ideais de macho e fêmea, comportamentos indispensáveis aos sujeitos de dados sexos, comprimentos das roupas, gestos e hábitos de determinados gêneros, modos e habilidades de outro, regras que diariamente são compradas como verdades, performadas acriticamente na ausência de uma consciência que privilegia a multiplicidade dos corpos.

Buck-Morss (2012, p.174), ao mobilizar Benjamim, refere-se à fantasmagoria como “uma tecnoestética” a impedir os sujeitos de perceber e experienciar o mundo que os rodeia, o que se dá por meio da manipulação do sistema sensorial como fazem as drogas ao anestesiar os sentidos. O mercado é um exemplo de fantasmagoria contemporânea capaz das aplicações mais fascistas, podendo prestar-se aos piores serviços, nos quais se incluem os de finalidade bélica, caso dos filmes nazistas como sugere a autora, ou mesmo das mídias que usando tais tecnoestéticas podem manipular seus espectadores na direção de um controle dos corpos, o que geralmente começa ainda na infância com os brinquedos de menina e de menino, padrão que não pode resistir sem que se assuma politicamente a anormalidade subalterna. A fantasmagoria pode ser ainda considerada como parte do aparato sexopolítico, pensado por Preciado (2011), enquanto tecnologias dos corpos sexuais que produzem corpos *straight*³², que

³²Termo comumente relacionado aos sujeitos heterossexuais, muito usado para definir aparências de gênero masculino. Ironicamente, *straight* também pode ser usado para qualificar sujeitos que não

fabricam ideais que colaboram com a gestão dos sujeitos no contemporâneo. Assim, há um império sexual capitalista, pós-moneísta e seus fluxos de silicone, testosterona, pílulas, processos cirúrgicos, moda e suas tendências de consumo que determina o que pode, ou não, circular no social.

Voltando na história, Buck-Morss (2012, p. 157) retoma a origem da estética a partir do termo grego *Aisthitikos*, que em sua gênese é determinado pela percepção da pura realidade pelos sentidos humanos, ao passo que a “*aisthisis* é a experiência sensorial da percepção”. Neste caso, havia a relação entre o que se compreendia por imagem da realidade e o sistema sensor, ponto em que se estabelece a experiência estética, num aparato que Buck-Morss (2012), mobilizando Terry Eagleton³³, relacionou a uma natureza material em que a corporeidade não consegue evitar o choque. O que significa dizer que o corpo percebe o mundo que o rodeia antes de uma tomada de consciência, através de seus aparatos sensores: pele, boca, olhos, ouvidos e nariz. Considerando-se o fato de que os sentidos estão à frente da mente, na superfície do corpo, o significado do que se percebe será apenas estabelecido a *posteriori*, de modo que a experiência é pré-linguística, numa relação direta entre o mundo e os sentidos.

No intuito de evitar posteriores choques estéticos, a consciência retém na memória ocorrências anteriores, amortecendo a recepção de experiências similares futuras, evitando os choques cotidianos desfechados pelas imagens, o que resulta numa espécie de anestesia que se assemelha, conforme Buck-Morss (2012), àquela surgida nos processos cirúrgicos do século XIX. Coincidentemente, o mesmo século de uma revolução promovida pela imagem, em especial através da fotografia e do cinema, cuja reprodução técnica possibilitou o surgimento do que Benjamin (2012) designou como uma nova forma de miséria, a das experiências. Aproximadamente um século mais tarde, essa reprodutibilidade técnica possibilitaria o enorme desenvolvimento de uma indústria sexual, pornográfica, focada em grande parte no prazer masculino, transformando a sexualidade numa forma de espetáculo, cuja teatralidade objetiva uma masturbação planetária, como propõe Preciado (2014b).

usam drogas, o que não condiz com os pressupostos machos da era farmacopornográfica, cuja virilidade depende, muitas vezes, de testosterona e estimulantes sexuais, como os vasodilatadores para ereção.

³³A essa altura Buck-Morss (2012) retoma de Terry Eagleton – *Ideology of The Aesthetic* – a ideia de que a estética é parte do aparato discursivo concernente aos corpos.

Assim, o sexo viria a transforma-se em objeto de gestão das grandes indústrias farmacopornográficas, disponibilizados à gestão fastasmagórica por meio de técnicas de subjetivação pós-moneístas.

Quando radicalmente aberto, o aparelho sensorial permite a recepção das imagens no seu interior, o que Buck-Morss (2012, p. 165) chamou de “sistema sinestésico”. Ocorre aí, a percepção sensorial do mundo externo que se une às imagens da memória e às expectativas dos sujeitos, produzindo a experiência. Há, contudo, tendo em vista evitar os choques causados pelas imagens, a retenção na memória que irá transformar a sinestesia em anestesia, inibindo a experiência estética e poupando-nos do choque, ou mesmo da dor provocada pela experiência estética.

Por sua vez, a anestésica formulada por Buck-Morss (2012) pode, se apropriada por microfascismos a serviço do controle dos corpos, resultar na subalternização fantasmagórica dos sujeitos, a tecnoestética adquire então caráter normalizador. O condicionamento anestésico dos sentidos que se dá mediante exposição constante a imagens normalizadoras está ligado à miséria relatada por Benjamin (2012), sob a qual os corpos sucumbem enquanto lhes é subtraída a verdadeira experiência. *Potentia Gaudendi*³⁴ transformada em força de trabalho sexual, destinado à reprodução, à produção de capital, ignorando sua real potencialidade, segundo Preciado (2014b).

A noção de estética, muitas vezes relacionada ao acultramento dos sentidos, como aquela das belas artes, é um dos aspectos criticados por Benjamin (2012) ao depositar sobre tal parte da culpabilidade pela pobreza de experiência humana no contemporâneo. Condena, assim, a arte e as imagens cuja fantasmagoria de ilusões e caprichos, de um mundo fantasioso e irreal, torna a humanidade miserável. Não obstante, o autor sugere que uma barbárie positiva permitiria produzir novas experiências na recusa da falsa riqueza que as imagens propagadas dia após dia promovem. O que implica rejeitar as tecnologias de gestão dos corpos, redirecionar a força orgásmica para uma nova produção de prazer, apropriar-se da sexopolítica, colocando-a a serviço da plenitude e da multiplicidade,

³⁴Preciado (2014b) parte da noção grega de *dynamis* e da correlação metafísico escolástico, elaborada por Spinoza em *Ética demonstrada según el orden geométrico*. Trata-se de uma força orgásmica que não reconhece os estratos, uma capacidade indeterminada que não possui sexo, ou gênero, é a potencialidade pura de excitação da vida.

transformar corpos *straight* em Barbies bombadas, ou, como sugere Preciado (2011, p. 15): “desidentificação das “sapatas” que não são mulheres, das bichas que não são homens, das trans que não são homens nem mulheres”.

É válido rememorar o teor político do posicionamento assumido por Benjamin (2012) e, posteriormente, retomado por Buck-Morss (2012) em suas análises. Ambos veem nas imagens o potencial transformador, resultado da experiência, não aquela do acultramento cotidiano, ou das noções fáceis do consumo. Revelaram-se, portanto, intelectuais contrários ao sistema fantasmagórico observável na miséria experiencial consentida pelo uso da técnica. Eis, então, a noção de estética pretendida neste ponto: aquela que é resultado de uma experiência *queer* que permite desequilibrar o sistema normativo estabelecido no contemporâneo, relacionado à normalização dos corpos no que concerne a sexo/gênero/desejo.

A experiência tomada nesta ocasião, por meio de Benjamin (2012) e Buck-Morss (2012), propõe o rompimento das normas na apropriação das anormalidades subalternas por uma barbárie que desafia as regras através do choque que produz. Imagens desconcertantes, ridículas, feias, grotescas, assumidamente perversas que ponham em causa os sistemas opressores e suas normas heterocentradas. Imagens como as de Divine (figura 1), em *Pink Flamingos*³⁵, personagem que se orgulha do título de pessoa mais perversa do mundo, enquanto matriarca e *drag queen*, claramente antissistema. Divine suspende, ainda que momentaneamente, as normas, os territórios e as instituições familiares nos choques estéticos que produz.

Divine é um monstro incestuoso, uma aberração familiar, a representação parodística de uma falha iminente dos códigos de normalidade. Força orgásmica não reprodutiva que encontra em seu corpo a potência de uma multidão *queer* a rejeitar a higiene capitalista. Sem fixidez territorial, Divine, ou Babs Johnson³⁶, declara-se a rainha de todos os imundos, diva antropofágica e escatológica, cujas experiências

³⁵Filme independente de 1972, escrito e dirigido por John Waters, em que Divine e sua família competem contra o casal Connie e Raymond Marble pelo título de pessoas mais perversas e obscenas do mundo.

³⁶Divine adota o nome de Babs Johnson, fingindo pertencer a uma família normativa, com a intenção de evitar ser novamente encontrada. Mas, nem o nome, nem sua família fazem com que ela se territorialize, escapando sempre da fixidez enquanto produz experiências estéticas por meio de seus agenciamentos.

estéticas saltam de sua atuação para incomodar o espectador. Divine explode com as normativas fantasmagóricas, tomando a tecnoestética pelas mãos e irrompendo com o sistema sinestésico para produzir para si e para a posteridade experiências *queer* desterritorializantes.

Figura 1: Divine - Pink Flamingos



Fonte: http://www.imdb.com/media/rm2594486784/tt0069089?ref_=tt_pv_md_2

Tomo emprestado ainda o exemplo de Hija de Perra (figura 2), subversão latina cujas performances misturam-se ao ativismo, produzindo golpes estéticos sobre as instituições familiares do Chile, país onde viveu até 2014, ano de sua morte. Mulher abjeta, atriz, cantora, acadêmica, dissidente comprometida com as causas sexuais e de gênero, Hija de Perra tem em comum com Divine os agenciamentos perversos, a rejeição às normas heterocentradas, a denúncia do aspecto prostético dos sexos/gêneros, além de claro distanciamento dos sistemas de re-produção. Perra e Divine são, em suas especificidades, a não inteligibilidade dos corpos, a descontinuidade dos códigos.

Figura 2: Hija de Perra



Fonte: https://www.flickr.com/photos/carola_hayden/3571340022

Com uma sexualidade nômade, politicamente perversa, Perra é, segundo Cabello, Díaz e Venegas (2014, p. 18), “una terrorista sexual que no dejaba género en pie y que al mismo tiempo agrupaba una manada de disidentes culturales”³⁷. Sua barbárie é aquela positiva a qual se referia Benjamin (2012), potência antifascismo a fazer emergir das normas sua verdade cômica e inafiançável. Subalternizada por uma cultura pós-colonial latina, é ainda censurada por uma cultura normatizada, cuja normalidade limita a circulação de seu corpo. Perra repugna as higienizações, as naturalidades e o saber heterossexual, com a avidez de uma marginal *trash* e bizarra, conforme Cabello, Diaz e Venegas (2014).

Pessoa indecente e insolente, de atravessamentos, Nina Hagen³⁸, ou Divine, potencialidades de *perra*³⁹ maldita e periférica, agenciamentos pós-*punk*, pós-*pornô*⁴⁰ a permitir que escape dos territórios com a avidez de suas linhas de fuga. Seu corpo e seu sexo atuam como artifício contrassexual, em práticas abjetas a rejeitar, como Divine, a feminilidade limpa das campanhas publicitárias e dos programas familiares da era pós-moneísta, transformando-se numa superfície de experimentações para produzir outras experiências não identificadas com os centros de produção e re-produção de capital contemporâneo.

Em *Empaná de Pino* (figura 3), filme de 2008, dirigido por Wincy Oyarce, Perra dá corpo a uma subversiva mulher que busca reanimar o marido, devorado pela personagem tortuosa, num ato extremo de posse capitalista. Da produção de empanadas de carne humana à paixão por sua amiga Perdida, Perra é movida por agenciamentos incontroláveis, resultando num amor lésbico em completa descontinuidade performativa. É lésbica sem ser mulher, é mulher sem de fato ser, embaralhando rizomaticamente a coerência entre sexo, gênero e desejo. Enquanto Perdida, em seu sexo prostético autoparodístico e artificial, fingindo ser de um sexo

³⁷“Uma terrorista sexual que não deixava gênero de pé e que ao mesmo tempo agrupava uma manada de dissidentes culturais.”

³⁸Cantora alemã, referência da música *punk* dos anos 1980. Sua voz, maquiagem, cabelos e gestos são elementos estéticos de resistência, que de algum modo se conectam às dissidências de Perra.

³⁹Cadela, cachorra, atributo não recusado por Hija de Perra, tomando politicamente uma posição abjeta, uma descendência animalesca imunda enquanto potência de vida.

⁴⁰De acordo com Preciado (2014b), Annie Sprinkle usa a expressão pós-pornografia em 1990. Para descrever uma de suas apresentações. Cunhada pelo artista Wink van Kempen, a pós-pornografia é tida como uma produção audiovisual com teor político a permitir outros usos do corpo, embora tenha elementos pornográficos, não se destina à masturbação.

que de fato lhe pertence, desloca os termos e bagunça a norma. A combinação dessas paródias e das experiências que produzem, desafia as normativas.

Figura 3: Empaná de Pino



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/centroartealameda/2844295286/>

São experiências antissistema, produções corporais que expõem a verdade risível dos gêneros, enquanto ficção de aparatos prostéticos comuns ao capitalismo pós-moneísta, como revela Preciado (2014a). Estética *queer* a irromper com o sistema sensor, com sua barbárie desterritorializante, comprometendo a fantasmagoria higienizadora e suas tecnologias. Experiências que negam os códigos e rejeitam os pertencimentos impostos como verdades pela matriz heteronormativa a regular a vida, possível de ser pensada também sob a ótica de Bataille (1986), em sua experiência interior não discursiva, a qual trago a seguir como contribuição às experiências *queer* que endosso.

3.2 EXPERIÊNCIA INTERIOR *QUEER*: SOÇOBRRAR E SE PERDER, NÃO SER

Das experiências possíveis às políticas subalternas que aciono, penso como singular a concepção aludida por Bataille (1986) de uma experiência interior como oportunidade de negar a ordem do discurso, enquanto *valor* e *autoridade*. Numa escrita que se aproxima de um relato das próprias vivências, Bataille (1986) põe em causa todo o saber discursivo, nega o conhecimento com a dificuldade exigida de seu método e coloca-se frente às possibilidades do êxtase.

Na condição subalterna da anormalidade, os sujeitos são discursivamente postos à margem, na medida em que não correspondem às expectativas de uma inteligibilidade projetada como norma. Pensar numa experiência subalterna, na qualidade de anormal, a partir de Bataille (1986), permite-nos uma radicalidade perversa de contestação das naturalizações e qualquer objeto ligado a esta. Daí a importância de pensar noutras experiências que ponham em crise os limites atribuídos às existências, reclamando as multiplicidades sempre incapazes de apreensão discursiva.

A experiência interior tem finalidade nela mesma, como *autoridade* e *valor* que adquire no momento em que ocorre. Como sugere Bataille (1986), é dizer do ponto *extremo do possível*, limite não discursivo atingido como num estado

meditativo. Trata-se de uma operação *soberana*⁴¹ de *efusão*, como o momento de *arrebato* que a experiência interior proporciona quando alcançada, ou ainda do *êxtase*. Mas é preciso abandonar-se tal como na *meditação*, vertiginosa, e, angustiantemente, quebrar-se, admitir a tolice do saber e do ser, recusar-se à ação, rejeitar o que é externo, coloca-se em jogo, contestar e rir de si mesmo. Sacrifício, riso e poesia presumem deslocamentos dos objetos e das imagens, câmbios intermináveis entre coisas e palavras.

Bataille (1986) revela também não existir experiência interior sem que todo conhecimento e saber sejam postos em causa, permitindo que se transponham os limites do possível, aqueles do objeto e das coisas apreensíveis. Para isso, deve-se negar qualquer autoridade e valor que não estejam na experiência propriamente dita, visto que a experiência se torna ela mesma a autoridade. Assim, quaisquer outros valores e autoridades que não caibam ao extremo do possível, que confinam, nomeiam e apreendem o possível, devem ser contestados. Procede desse ponto o abandono inevitável das identidades, sendo elas as raízes que fixam os sujeitos aos limites significantes que impedem o êxtase.

De todo modo, não pode haver experiência na ausência de vontade, visto que somente em virtude de um desejo de dramatização é possível atingir o extremo do possível. Bataille (1986) afirma que é preciso dramatizar para que possamos sair de nós mesmos, como Abraão ao tomar o cutelo para imolar seu filho, momento de uma ruptura. Não fosse isso, continuaríamos apertados em nós mesmos, ilhados na impossibilidade de uma efusão. Dramatizar é, então, vontade e ruptura, é desnudar-se e perder-se na angústia de não-saber. “Pero una especie de ruptura – en la angustia – nos deja al límite de las lágrimas: entonces nos perdemos, nos olvidamos de nosotros mismos y nos comunicamos con un más allá inaprehensible.”⁴² (BATAILLE, 1986, p. 20).

Comunicação é a efusão com um estado além, não apreensível nos termos do discurso. Momento de uma ruptura que permite ao sujeito perder-se de si

⁴¹Bataille (1986) atribui à experiência interior outros termos, como *ponto extremo do possível*, *operação soberana*, *operação cômica*, ainda que supondo a incômoda aplicação das palavras. Contudo declara preferir, dentre os termos aplicados, a *meditação*, mesmo que lhe pareça demasiadamente religiosa. *Meditação* neste caso está relacionada ao método de uma profunda busca interior, do abandono de si, cessação do discurso que possibilite a existência de seu *Ipse - verdadeiro eu*.

⁴²“Mas uma espécie de ruptura – na angústia – nos deixa no limite das lágrimas: então nos perdemos, nos esquecemos de nós mesmos e nos comunicamos com um além inapreensível.”

mesmo, entrar em comunhão, reconhecer-se como partícula inserida socialmente nos conjuntos instáveis dos quais se é parte. Não há como escapar desses emaranhados, tal como ocorre com as linhas de fuga e os atravessamentos, cartograficamente pensados por Deleuze e Guattari (2014). Para Bataille (1986), quando nos comunicamos nos tornamos onda, ou unidade fugidia que não rompe sua homogeneidade, tornamo-nos uma partícula heterogênea de um todo homogêneo cuja composição não se dá por similaridade, mas por diferença ou, seguindo Deleuze e Guattari (2014), por multiplicidade.

Comunicar é, para a experiência interior de Bataille (1986), não saber, negar saber, despir-se do conhecimento e soçobrar, na qualidade de seres nus, sem órgãos, a n-1, como sugeririam Deleuze e Guattari (2014), no desconhecido. No cessar de toda operação intelectual, estado cômico do qual depende a experiência, na nudez do espírito, é possível atingir o ponto extremo do possível. Não fosse a nudez do espírito, nos manteríamos apertados em nossa existência isolada, incomunicáveis com um estado efusivo para além de nós mesmos. “El punto extremo de lo posible supone risa, éxtasis, proximidad aterrorizada de la muerte; supone error, náusea, agitación incesante de lo posible y de lo imposible [...]”⁴³ (BATAILLE, 1986, p. 48). Momento que possibilita escapar da estupidez que nos cega, mas ainda assim mergulhar e se fundir a ela. Sem isso, não há esperança, apenas tornar-se servil, adiando a própria existência, encerrando-se no projeto e nas ações que impedem a experiência. De modo que na experiência interior não há adiamento algum.

É necessário ainda ao êxtase opor-se à lei da linguagem evitando o risco de interminável servilidade ao discurso. A linguagem nomeia e apreende, detém-nos, controla e limita. “Pero si chocamos contra tal ley, podemos, de pasada, detener la conciencia sobre uno de ellos y, haciendo callar en nosotros el discurso, detenernos en la sorpresa que nos proporciona.”⁴⁴ (BATAILLE, 1986, p. 24). A experiência exige decididamente o abandono de qualquer discurso sob o qual fomos forjados no momento de nascer. Nem identidade, forma ou projeto nos permitirão a efusão sem a vontade de que se abandone a linguagem, pois forma e projeto são seus frutos.

⁴³“O ponto extremo do possível supõe riso, êxtase, proximidade aterrorizada da morte; supõe erro, náusea, agitação incessante do possível e do impossível [...]”.

⁴⁴“Mas se nos chocamos contra tal lei, podemos, de passagem, deter a consciência sobre um deles e, fazendo calar em nós o discurso, deteremo-nos na surpresa que nos proporciona.”

Na experiência interior só se chega em plenitude, não em falta. Plenitude que nega a ascese e a salvação para que se possa afundar no interior de si, como sugere Bataille (1986). Na ascese se pretende ser tudo, ela mutila os corpos, os domestica e higieniza, impossibilitando-os do erotismo, mas o extremo do possível exige completude. Na domesticidade dos corpos, não há comunicação. É preciso perder-se por completo, transformar todo o corpo numa superfície desejosa e assignificante, desfazer-se da continência e se render aos desejos, abjetos ou não. É preferível o excesso, diz Bataille (1986), de modo a não haver na experiência interior existência limitada.

É preciso dramatizar e não querer ser salvo, uma vez que a salvação pressupõe desejo de supressão da dor. Dramatizar é contestar os subterfúgios aos quais somos impelidos enquanto projeto. É preciso não ser, negar ser tudo, negar ser salvo, liberta-se das identidades e da coerência discursiva, negar a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo, recusar os estratos. Não há subordinação discursiva, nem estrato no extremo do possível, já que nenhum sujeito se distingue dos demais como partícula desse elemento homogêneo. A experiência é multidão e deserto e o ser só é apreendido por erro, microfascismos em ação. Na tentativa de ser tudo, o sujeito ignora o extremo do possível, confinando-se apertado e isolado. Todo sujeito é partícula e insuficiência. Melhor ser insuficiência, pois o desejo de suficiência prevê o erro de se querer ser tudo, encerrando os sujeitos em seus limites.

Indispensável à experiência interior é a possibilidade de se perder, estar aberto ao desconhecido, ininteligível, “[...] ruptura de toda posibilidad, beso violento, rapto, pérdida en la completa ausencia de todo posible, en la noche opaca y muerta, y, sin embargo, luz, no menos incognoscible, cegadora, que el fondo del corazón.”⁴⁵ (BATAILLE, 1986, p. 68). Sem posse e sem amor, que é posse, sem objeto. Nem mesmo o sujeito está mais na presença de si, desfeito, sem identidade torna-se não-sentido, ausência de seu eu discursivo, experiência *queer* que nega a coerência, rejeita o capital normatizado, ignora a inteligibilidade. Irremediavelmente trágico e desiludido do projeto que foi, escapa, escorrega em linhas de fuga incessantes como imaginou Deleuze e Guattari (2014).

⁴⁵ “[...] ruptura de toda possibilidade, beijo violento, rapto, perda na completa ausência de todo possível, na noite opaca e morta, e, no entanto, luz, não menos incognoscível, cegante, que o fundo do coração.”

Experiência *queer* do puro drama de corpos não docilizados, que se comunicam com um estado inapreensível, não sujeitados pelas tecnologias de controle e, ao mesmo tempo, sujeitos que se fundam no momento mesmo de um êxtase, ação não significativa, recusa política da ordem discursiva. Laurence Alia (figura 4), *Laurence Anyways*⁴⁶ e qualquer ordem dada a qual não pertence, ou renuncia por simples recusa a pertencer discursivamente, passando por entre os limites das identidades, escorregando dentre performatividades engessadas, fugindo com suas paródias assignificantes. Laurence, qualquer coisa que não se limite à superfície das imposições, não se restringe à coerência imposta como discursos de verdade, não-ser de intensidades múltiplas.

Figura 4: Laurence



Fonte: http://www.imdb.com/media/rm3614418176/tt1650048?ref_=ttmi_mi_all_sf_11

⁴⁶Filme dirigido por Xavier Dolan, lançado em 2012, em que Laurence Alia, personagem de Melvil Poupaud, vive uma constante tensão, seja da perda identitária, do amor e os conflitos normativos que acarretam as suas recusas.

A inteligência discursiva domestica o sujeito e qualquer vontade de fixar o ser é maldita como impossibilidade de êxtase. Ao passo que o *Ipse*, verdadeiro eu⁴⁷, exige o sacrifício de toda lei, linguística e moral. A palavra esgota tudo em sentidos e a moral freia a humanidade, ambas limitam e cerceiam os sujeitos. É preciso ir em direção ao desconhecido, sacrificando o conhecimento, a inteligibilidade, a moral e as normas como Laurence em seu abandono, morte anunciada de sua masculinidade e o risco de se perder. O desconhecido é o deserto no qual nos comunicamos, contestando tudo a que conhecemos, por meio de movimentos interiores, da cessação do discurso, de uma fuga em direção ao íntimo.

Conforme Bataille (1986), ignorar nossa aberração na ilusão de qualquer sabedoria é a pior das aberrações, ponto máximo das comédias da qual não se escapa. É preferível essa operação cômica, esperança de uma efusão. Tornamo-nos, então nus, não-saber, não-ser e não-sentido, sem discurso tal qual o vento e o silêncio. Silêncio que é, segundo Bataille (1986), a mais perversa das palavras, pois poeticamente representa a morte premeditada da própria palavra. Assim, a pessoa *queer* é, no silêncio que produz enquanto sujeito que nega ser tudo, a possibilidade do êxtase no momento mesmo em que se perde.

Diferentes entre si, as experiências expostas aqui nos permitem pensar tecnologias de resistência que favoreçam a subversão das identidades previstas no discurso a cercear e territorializar os sujeitos. Se a experiência sugerida por Benjamin (2012) e Buck-Morss (2012) se vale de potencial político através das imagens, permitindo-nos deslocar da anestésica para uma real percepção do mundo, ou da ficção que é a verdade do mundo, dos sexos, dos gêneros, a experiência interior de Bataille (1986) nos oferece a possibilidade de romper com o sistema discursivo que nos sujeita linguisticamente. As duas são, pois, possibilidades de fugir dos territórios, criticar os microfascismos, expor as ruínas das raízes significantes, rir das normas heterocentradas e autorizar a existência de toda multiplicidade, mesmo que isso não se dê com facilidade e em definitivo.

Essas experiências *queer* convergem em devires-mulher-animal, devires-moleculares que não são identidades, mas a constância inacabada de uma continuidade sempre desterritorializada, sempre devir, como se verá na sequência.

⁴⁷Bataille (1986) evidencia o *Ipse* na qualidade do “eu verdadeiro”, diferente do “eu” previsto pelo discurso.

3.3 DEVIRES QUEER: MULHER, ANIMAL, MOLÉCULA

Rejeitar a fixidez das identidades, negar ser tudo, recusar a castração dos corpos, produzir experiências estéticas desnaturalizantes, apropriar-se dos termos normalizados e expropria-se dos territórios normativos, escapar em linhas de fuga e desterritorializar-se. Essas são algumas das propostas *queer* para uma liberação do ranço discursivo que cerceia toda multiplicidade, a fim de que as existências possam vir a ser plenas, livres em suas sexualidades e seus devires, termo este sugerido por Deleuze e Guattari (2012) para viveres não *molares*⁴⁸.

Parte das estratégias que exponho se vale das análises de Deleuze e Guattari (2012), cujos textos rejeitam os fascismos e servilismos totalizantes, tanto quanto as cristalizações cotidianas. Os autores dedicam-se generosamente aos devires como alternativas não unitárias de existência, desvinculando-as das categorias limitantes designadas pela psicanálise⁴⁹. Ainda que a aplicação de seus princípios seja de difícil concreção, as análises que realizam são das mais efetivas no que concerne à reflexão das multiplicidades. Suas críticas são comprometidas com a negação dos assujeitamentos e dos territórios nos quais os sujeitos eram antes formulados. Desse modo, privilegiam o nomadismo, a multiplicidade e os devires que, junto com rizoma, nos levam a pensar noutros sujeitos políticos possíveis.

Deleuze e Guattari (2012) realizam conexões das mais rizomáticas, sobretudo para rejeitar as raízes, sejam elas da história, do capital ou de qualquer cristalização que decorra da provação do múltiplo. Contestam também a ideia de que haja um processo evolutivo ao sugerirem que todo devir está relacionado às alianças e às conexões que se fazem constantemente, tal como o rizoma. Não há, portanto, devires em evolução, não há imitação ou decalque, pois estes estão para os estratos que se produzem estruturalmente como mimese de uma natureza

⁴⁸Potências *molares*, para Deleuze e Guattari (2012), são aquelas da família, do Estado, da escola, do casamento, da profissão, aquelas que minam as multiplicidades. São estratos significantes, delimitando e cristalizando sujeitos e objetos. Enquanto o *molecular* está para as linhas de fuga, os fluxos, o rizoma, os agenciamentos, os devires e as intensidades que fazem escapar dessa ordem molar. Um dependendo do outro.

⁴⁹Deleuze e Guattari (2012) comprometem-se em desvincular os sujeitos dos limites previstos pela psicanálise, criticando a lei, a castração, a falta, o complexo de Édipo e oferecendo em contrapartida o múltiplo, o rizoma, os devires e as desterritorializações.

primeira, tal como os problemáticos binarismos heterocentrados. Nem semelhança ou equivalência existe nos devires, de tal forma que nem mesmo existe qualquer totalidade e completude a constituir os seres. O que existe, para Deleuze e Guattari (2012), é uma involução que se realiza nas trocas heterogêneas produzidas a todo instante entre sujeitos, grupos, universo, em linhas de fuga que escapam a cada devir, uma *involução* que é antes criadora e não tem relação com regressão, pois não cabe aos devires regredir. Trata-se do estado múltiplo dos desejos, cujos devires são formulados nas conexões realizadas a cada agenciamento, linha de fuga, ou potência que possa conduzir a uma desterritorialização.

Devir sequer é *vir a ser*, pois não há um ponto no qual se localize a *posteriori*, como um vir a ser mulher, ou tornar-se animal. Não está para uma aplicação cristalizada, como uma identidade que venha a se concretizar em dado tempo e espaço, mediante certas circunstâncias. Devir só existe no momento em que acontece nas desterritorializações que se realizam, como Laurence sempre escapando em linhas de fuga, em intensidades que nunca lhe deixam apreender.

Sua intensidade transcorre em bando, numa população que dá a desconhecer sua natureza, matilha *queer*, multidão devir. Intensidade a que Deleuze e Guattari (2012, p. 22) partilham como *affecto*, “[...] uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu”. É preciso, então, esquecer-se da ordem discursiva a sujeitar os corpos e constituir bandos de puros *affectos* para poder devir-mulher, animal, criança, molécula. Abandonar os limites identitários e soçobrar, como gostaria Bataille (1986), perder-se de si e comunicar-se em ondas de pura intensidade.

Affectos são agenciamentos que atravessam toda a matilha, intensidades selvagens a nos enfurecer no instante em que nos arranca de nossa humanidade cristalizada, aquela das identidades heterocentradas e dos binarismos. Por isso, devir-animal feroz numa constituição de potências incontroláveis. Portanto, devir-mulher, primeira potência minoritária a rejeitar o controle fascista, devir-mulher a produzir multidão anormal de monstros ferozes. Intensidade molecular inaugural de todo devir, por onde passam outros fluxos, outras linhas de fuga. Jamais devir-homem, devir-macho, branco e hegemônico, aos quais, segundo Deleuze e Guattari (2012), pertencem os territórios a impedir os agenciamentos, estratificando tudo que nomeiam.

Os devires são como as máquinas de guerra, agenciamentos anti-hierárquicos dispostos a perturbar a ordem das coisas, ainda que o capital insista em apropriar-se delas com suas tecnologias a controlar os corpos. São multiplicidades que resistem às normas com o furor dos lobos em linhas de fugas em começo nem fim a atravessar todos os corpos da matilha, sem ponto de chegada nem partida. Pura velocidade fugidia sem filiação, segundo Deleuze e Guattari (2012).

Não há hierarquia no devir a constituir multidão, mas agenciamentos maquínicos de contágio molecular, epidemia que se alastra segundo o grau de intensidades das moléculas. Assim, é composta a matilha *queer*, cujos devires se fazem das experiências anormais, monstruosas, perversas. Povoamento contrário à reprodução sexuada, aquela heterocentrada e territorializada, na qual o ânus corresponde à cicatriz de uma castração. Povoamento antinatureza e anticapital, como uma epidemia vampiresca, não-genética, agenciamentos dos quais emanam os devires, ainda que seja necessário um Drácula, sujeito excepcional cujas alianças fazem devir por onde quer que passe. Chefe do bando a difundir suas partículas, a exemplo de Divine a corromper sua matilha, de Perra a aliciar Perdida, ou de Clécio em *Tatuagem* a contagiar seu bando.

Em *Tatuagem*, filme brasileiro de 2013, com roteiro e direção de Hilton Lacerda, produção de João Vieira Jr., Chico Ribeiro e Ofir Figueiredo, o grupo Chão de Estrelas, uma trupe de artistas, debocha das normas e convenções do período ditatorial, precisamente no ano de 1978, como parte da resistência política em que acreditam. A vida dos personagens é bagunçada com a chegada de Fininha, jovem soldado com quem Clécio se enamora. Isso faz desordenar os territórios de Fininha, muitas vezes desterritorializando-o, ou faz Clécio e sua trupe vacilar de suas multiplicidades em direção aos bulbos e raízes dos territórios, ainda que não se permitam fixar.

Clécio não se limita a ser apenas lobo, ou gazela. É também mariposa e vampiro, animal não domesticado a fazer alianças desterritorializantes, corromper sua alcateia de estrelas, subverter a ordem e debochar dos poderes que os cerceiam. Seus agenciamentos contagiam também Fininha (figura 5), afixado nos territórios militares, familiares e, por vezes, sexuais, não fossem as linhas de fuga de intensidades variadas que o fazem escapar sempre das molaridades. Fininha num instante se esquiva das raízes nas trocas que realiza com seu entorno, num outro faz brotar raízes em Clécio, que, por sua vez, não é todo molecular como parece. Há

em Clécio o amor por Fininha, por seu filho, a amizade de Deusa, de Paulete e os conflitos de posse e de ciúmes, dos quais escapa com seus devires-moleculares, com os atravessamentos que fazem dele devir-enguia.

Figura 5: Fininha (Jesuíta Barbosa) e Clécio (Irandhir Santos)



Fonte: <http://www.tatuagemofilme.com.br>

Muitas vezes, Clécio parece ser o que Deleuze e Guattari (2012) chamariam de anômalo, posição periférica, ocasionalmente solitária, ocupada pelos sujeitos excepcionais, vampiros ou lobisomens a contagiar a matilha. Composto apenas de *affectos* e incapazes de se fixar em territórios, fenômeno de borda a circundar a matilha sem a ela pertencer. E o seria em plenitude, não fossem os sentimentos familiares e amorosos que, de tempos em tempos, fazem de Clécio também parte interna do bando, embora ele não hesite em ser o maldito pecador de uma sexualidade aberta, cujas alianças ilícitas, abomináveis, só se rendem pelo amor a Fininha, que, por sua vez, territorializa-se noutra lugar. Mas como Deleuze e Guattari (2012, p. 110) expõem, “[...] nenhum fluxo, nenhum devir-molecular escapam de uma formação molar sem que componentes molares os acompanhem, formando passagens ou referências perceptíveis para processos imperceptíveis”.

Em outros momentos, parece ser Fininha também um anômalo, disfarçado de animal dócil a bagunçar a trupe Chão de Estrelas (figura 6), sem nunca se prender a ela.

Clécio é o vampiro de uma multidão que resiste ao controle estatal, à ordem capitalista e à inteligibilidade dos corpos. Um bando que faz uso das experiências corporais para produzir rasgos no sistema normativo, das potências e intensidades coletivas para subverter os territórios. Devir-serpente a escapar dos limites impostos por uma ditadura higienizadora. Devir-molécula de partículas rizomáticas a contagiar Fininha, marcado na pele como parte da multidão, potência anormal desterritorializada, nunca mais soldado, nunca mais o mesmo. Simbiose a transformar constantemente as multiplicidades e os devires de acordo com as involuções que se criam a todo instante.

Figura 6: Grupo Chão de Estrelas



Fonte: <http://www.tatuagemofilme.com.br>

São *fibras* essas linhas contínuas a mudar as multiplicidades. “Uma fibra vai de um homem a um animal, de um homem ou de um animal a moléculas, de moléculas a partículas, até o imperceptível.” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 35).

Partículas de toda uma galáxia estão envolvidas nos devires, nas conexões em rizoma, nas multiplicidades incertas e não localizáveis, cujos fins inexistem. Intensidades, graus, acontecimentos, acidentes e transportes heterogêneos que formam uma *individuação* nas trocas com os lobos da matilha, com outras matilhas, com o universo. Não uma individuação relativa à unidade, nem aos assujeitamentos, mas de *hecceidade*⁵⁰, intempestiva e sempre pronta a escapar *entre* formas substanciais e sujeitos determinados. “Uma hecceidade não tem nem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é Rizoma.” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 53).

O devir é, então, *plano de imanência, plano de univocidade, plano de consistência* ou de *composição*, individuação, que se dá por meio de lentidões e velocidades, de conexões rizomáticas. Não há forma, nem função, e nada se distingue senão pelas intensidades no plano, composição que é própria do sujeito do devir, é dizer da hecceidade enquanto individuação sem órgãos, nem gêneros, que se forma pelas potências e *affectos*. Assim, modificam-se em Fininha as suas dimensões nas conexões que realiza com Paulete, com Clécio, depois com o grupo em agenciamentos, trocas de velocidades e lentidões diversas, desterritorializam-o, ainda que momentaneamente. Em suas linhas de fuga, Fininha escapa em outras conexões (figura 7), influenciado pelos *affectos* que o tomam, fazendo-o negar relações contratuais e fixas, faz rizoma para descontentamento de Clécio.

O devir-animal não tem território, é assignificante e requer que o animal desse devir seja também desterritorializado, pois nunca é a representação de um dado, ou outro dado animal, mas um *affecto* animalesco que faça devir. Assim, como mostram Deleuze e Guattari (2012), devir-cavalo ou lobo não consiste em imitar o som ou a forma do animal, mas se tomar de uma potência que se avigora no apagamento do eu em função de um devir, que só existe se o próprio animal devir outra coisa, linha, cor, fuga, intensidade.

De *latitudes* e *longitudes* são compostos os *affectos* de um corpo, uma relacionada ao grau de potência e outra com a extensão das relações, nunca reduzindo os sujeitos aos seus órgãos, ou seus gêneros. Para Deleuze e Guattari (2012), um corpo nunca é um órgão ou um gênero, mas os graus e extensões de

⁵⁰ Deleuze e Guattari (2012) colocam-nas assim: *hecceidade*, ao retomar Duns Scot. Distinguem-na de *ecceidade* (*ecce*), à medida que hecceidade é relativa a *Haec* (esta coisa), tipo de individuação sem relação com ordem discursiva.

seus *affectos*. n-1 e a utopia anal a desafiar a ordem binária e reprodutiva, a lógica da identificação, como sugere Preciado (2009). Utopia anal, utopia *queer* a exemplo da Polka do Cu⁵¹, cantada em coro pela trupe Chão de Estrelas em alusão ao órgão sem identidade, órgão da multidão, órgão dos prazeres abjetos, ou como diz a letra: “a única utopia possível é a utopia do cu” - ode às multiplicidades e aos desejos sem territórios. Nem arquétipo, nem ordem simbólica, apenas intensidades fugidias em conexões heterogêneas, de um agenciamento a outro, atravessando todo o bando.

Figura 7: Fininha conecta-se ao grupo



Fonte: <http://www.tatuagemofilme.com.br>

Para Deleuze e Guattari (2012), um bando é um bloco-animal contrário à raiz, ao decalque, como a música – bloco de expressão que desterritorializa o *ritornelo*⁵². Ao passo que a música faz o ritornelo vacilar de seu território, um traço fugidio, uma cor escapadiça desterritorializa a paisagem e o rosto da pintura, tirando

⁵¹ Trilha original por DJ Dolores para o filme *Tatuagem*, de Hilton Lacerda. A música é cantada pelo bando Chão de Estrelas como uma incitação às multiplicidades por n-1 – corpos sem órgãos.

⁵² Marcação que delimita partes, trechos, versos de uma música, repetições tomadas por Deleuze e Guattari (2012) como territórios de uma música, ou partitura.

a forma e o contorno e pondo fim à verossimilhança e à mimese. Pensar a experiência *queer* por esse viés é pensar em sujeitos desobrigados da identidade, sujeitos sem a fixidez de um contorno dado por um contrato social, de modo que seus sexos e suas sexualidades não estejam determinados pelos manuais catequéticos, ou em falsos códigos biológicos.

Deleuze e Guattari (2012) espantam-se com os repetitivos esforços da psicanálise em determinar, mesmo por detrás daquilo em que não há evidência de significado escondido. A psicanálise só conhece plano de organização ou de desenvolvimento cujas estratificações das coisas e dos sujeitos, dos órgãos e das funções opõem-se ao plano de imanência. Já neste, nada pode estratificar, trata-se dos corpos sem órgãos, n-1, apenas relações de velocidade e lentidão entre partículas que “implicam movimentos de desterritorialização, como os puros afectos implicam um empreendimento de dessubjetivação”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 63).

Primeiro devir-mulher, agenciamentos a rejeitar os fascismos discursivos, para poder depois devir-animal, numa relação de vizinhança e indiscernibilidade “[...] que extrai do animal algo de comum, muito mais do que qualquer domesticação, qualquer utilização, qualquer imitação” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 76). Até devir-imperceptível e numa ruptura definitiva tornar-se como todo mundo, não se fazer notar, ser desconhecido. Pequena similaridade com a experiência interior de Bataille (1986), com soçobrar, negar ser tudo. Se não posso mais ser reconhecido é porque, de algum modo, meu eu discursivo foi abandonado, renunciado, mesmo que brevemente. É preciso eliminar tudo que enraíza, abandonar o molar. *Devir-todo mundo* ao desejo de Deleuze e Guattari (2012). Torna-se linha abstrata, indiscernível, imperceptível, impessoal, atingir o extremo do impossível como sugere Bataille (1986).

Mas para tal, é necessário perceber o que só se pode perceber no devir: o imperceptível. Diferentemente de um agenciamento narcótico, o devir requer percepção apurada, porém uma de tipo molecular que libere o desejo de perceber aquilo que não está evidente. Enquanto a droga anestesia e entorpece, o devir faz sentir a passagem das moléculas, as intensidades, é o plano de imanência que detém o domínio das velocidades e das vizinhanças e somente ele.

Devir-criança, devir-mulher e devir-animal não são senão devires moleculares, realizados nas trocas, nas vizinhanças. Eles estão sempre ligados às

moléculas que os fazem fundar, mas é preciso dissolver a forma, negar as funções, colocar em relação longitudes e latitudes, velocidades e lentidões, anular os órgãos significantes para fazer passar as moléculas do devir. Não parar de devir com emissão de partículas e linhas de fuga.

3.4 OUTRAS CONEXÕES PERVERSAS DE EXPERIÊNCIAS *QUEER*

Nas conexões e linhas traçadas até aqui, dediquei-me a cartografar alguns dos estudos que contribuíram com as tecnologias de resistência *queer* e com as políticas das subalternidades de sexo/gênero/desejo que abraço. Tomando das análises de Foucault (2014) a problemática dos poderes, sobretudo a interferir nas sexualidades desviantes. São imprescindíveis também às relações que esboço, Preciado (2009), Hocquenghem (2009) e Butler (2013), com suas densas contribuições acerca do controle sobre os corpos, os limites impostos aos desejos e o empecilho das identidades de gênero à liberdade dos sujeitos, multiplicidades quase nunca vividas em plenitude como gostariam Deleuze e Guattari (2014).

Bataille (1986), ao nos apresentar o êxtase de uma efusão, momento de uma comunicação com um estado além, inapreensível, faz soçobrar o eu do discurso, tornando ainda mais risível o problema das identidades. Na experiência interior só se chega por abandono e pela perda de si, abrindo-se ao desconhecido. Possibilidade de experiências de tipo ininteligível, desconectadas dos empecilhos identitários. Lá onde o extremo do possível habita não cabem os binarismos e as concepções heterocentradas de sexualidade, tudo é desejo, naufrágio e excesso. Experiência que se opõe à ordem dos discursos, fazendo-nos perceber que imagens e palavras não podem apreender o momento de um arrebatamento, de modo que, ao soçobrarmos, recusando o que é externo, permitimos que experiências interiores se façam. Lugar donde podem surgir muitas das imagens perversas, anormais, desnaturalizadas a subverter as normas estabelecidas sobre os corpos, o que se pode supor também sobre as imagens que exponho.

Se as normas heterocentradas a nos classificar são parte desse imbróglio fantasmagórico, anestético, termo emprestado de Buck-Morss (2012), a experiência estética pode nos oferecer saídas, possibilidades de subverter as naturalidades

cotidianas, romper com a miséria de experiência a qual estamos submetidos, como supõe Benjamin (2012). Imagens provocativas como as de Ney Matogrosso (figura 8) e os desalinhos causados por onde passam sua figura e voz. Ainda em *Secos e Molhados*⁵³, Ney contrariava as normativas impostas aos corpos, preferindo dar liberdade aos seus devires. Seus agenciamentos eram de um devir selvagem, serpenteando sorratamente com um remelexo arisco, em guizos e uivos agudos de bicho sórdido sem controle. Não convinha ali imitar animal algum, mas se expandia em potências de muitas intensidades, como convém aos devires em Deleuze e Guattari (2012). Tortuosos *afectos* em devires-lobisomem, verme e pássaro arredio sempre disposto a escapar dos territórios.

Figura 8: Ney Matogrosso



Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/shows/galeria/ney-matogrosso-um-dos-maiores-artistas-do-brasil>

Em *O Vira*⁵⁴, Ney experimenta para si metamorfoses sem território, devir-mulher danada e sem rumo, de influências portuguesas, das quais escapa com ironias a brindar mitologias tupiniquins. Como quem se perde na noite, pirilampo perverso e desobediente em um vaivém tropical – vaivém máquina de guerra de

⁵³ Banda com a qual Ney Matogrosso inicia sua carreira em 1973, com a qual gravou dois discos, antes da dissolução da banda. Os figurinos e as maquiagens foram parte do sucesso da banda logo no primeiro disco.

⁵⁴ Música do primeiro álbum de *Secos e Molhados*, de 1973, composta por João Ricardo e Luli.

Deleuze e Guattari (2012), vivem experiência *queer*. Na aguda voz de Ney Matogrosso, a letra de João Ricardo e Luli soa como uma ode às conexões, desfaz cada ponto que toca, faz perder o sentido e escorregar o discurso. Uma experiência *queer* para os olhos e os ouvidos. Seu corpo, superfície voluptuosa, saracoteia desregular, em descontrolado e deleite. Agudez de um passarinho, malemolência de um camaleão latino.

No disco *Água do Céu Pássaro*⁵⁵ (figura 9), Ney é um demônio, ou uma divindade xamânica, líder de uma multidão de monstros terroristas, cuja função é explodir a decência e as virtudes capitalistas. Sensualmente animalesco, afronta o bom gosto com seu sangue latino, multiplicidades escorregadias, maquiagens e figurinos a resistir às regras e subverter as tecnologias da ditadura militar.

Figura 9: Disco *Água do Céu Pássaro*



Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/shows/galeria/ney-matogrosso-um-dos-maiores-artistas-do-brasil>

“*Porque eu sou é homem*”, diz Ney em *Homem com H*⁵⁶, rompendo com o arquétipo performativo imposto pela economia heteronormativa. Uma subversão dos códigos de masculinidade. Seu devir-mulher não permite coerção e provoca o riso, desloca o sentido da música de sua concepção pretensamente performativa,

⁵⁵ Álbum lançado em 1975, o primeiro de sua carreira solo.

⁵⁶ Composição original de Antonio Barros.

por meio de uma linha de fuga maldita, diluindo o entendimento sobre *ser homem*, algo como a paródia assinalada por Butler (2013). Uiva, grita, sussurra e escorrega das classificações fascistas. Sua música é vampira e nos morde, contagia as ondas de multidão a surgir no lodo amorfo das anormalidades, caso de salamandras desterritorializadas a exemplo de Johnny Hooker (figura 10), cuja voz e corpo não são mimese da mãe vampira, mas linha de fuga de uma sexualidade desprendida.

Hooker tem com Ney um parentesco sem filiação, parentesco de um devir por contágio (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Suas conexões deixam passar fluxos de potência, por onde emana seu feitiço de bruxa *queer* a fazer deslizar por instantes dos pontos, soçobrar momentaneamente. Em *Tatuagem*, ao cantar *Volta*⁵⁷, Hooker cria pequenos instantes de uma dramatização que percorre os corpos, atravessando-os, intensidades que carrega consigo até o clipe da canção, encenando com Irandhir Santos um desejo sórdido, de pele, bocas e tato.

Em comum com Ney, Hooker tem os atravessamentos latinos, colonizados, *queer*. Uma constituição de questões transversais que não devem ser localizadas apenas como políticas de gênero e/ou lutas de raça. “No es simplemente cuestión de tener en cuenta la especificidad racial o étnica de la opresión como una variable más, junto a la opresión sexual o de género, sino más bien de analizar la constitución mutua del género y la raza”⁵⁸, sugere Preciado em entrevista para Carrillo (2007, p. 376). Rejeita-se, assim, a hierarquização das opressões, ademais insuficiente para as complexas relações que se constroem fora dos centros de reprodução de inteligibilidade. Devir-mulher latina, devir-animal da periferia, devir-molécula sem estratos identitários. Interseccionalidades a evitar exclusões de lutas, subversão das identidades habituais que possibilitem outras experiências, uma multidão *queer* enquanto resistências provenientes da conexão entre todas as potências.

⁵⁷ *Volta* é uma das músicas de *Eu Vou Fazer uma Macumba pra te Amarrar, Maldito!* Álbum de Johnny Hooker lançado em 2015. Em uma participação especial no filme *Tatuagem*, Hooker a canta como artista do grupo Chão de Estrelas.

⁵⁸ “Não é simplesmente questão de se ter em conta a especificidade racial ou étnica da opressão como mais uma variável, junto com a opressão sexual ou de gênero, mas de analisar a constituição mútua de gênero e da raça.”

Figura 10: Johnny Hooker



Fonte: <http://www.leijaja.com/cultura/2014/04/26/volta-de-johnny-hooker-ao-apr-cheia-de-polemica-e-aplausos/>

Isso implica pensar, como Preciado, os movimentos *queer* enquanto “[...] el desbordamiento de la propia identidad homosexual por sus márgenes: maricas, bolleras, transgénero, putas, gays y lesbianas discapacitados, lesbianas negras y chicanas, y un interminable etcétera.”⁵⁹ (CARRILLO, 2007, p. 378). É aconselhável e talvez preferível, como sugere Preciado nesta entrevista, pensar o *queer* como a intersecção dessas dissidências, desses atravessamentos múltiplos, uma vez que esses sujeitos são, por excelência, sempre a potência marginal, desde os grandes centros até as periferias da América Latina.

Leio Carrillo (2010) pensa, novamente, em Hija de Perra, dissidente sexual intrépida, afastando-se das identidades pretendidas como verdadeiras,

⁵⁹ “[...] o transbordamento da própria identidade homossexual por suas margens: maricas, bolleras, transgénero, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras e chicanas, e um interminável etc.” Os termos que mantenho em espanhol, ligados as dissidências hispânicas em seus atravessamentos, podem ser lidos em termos de nossa cultura como viados, bichas, boiolas, sapatonas, os tais transbordamentos indicados por Preciado, na referida entrevista.”

rompendo com os limites da moral por meio de uma estética contraventora, distante das misérias experienciais ligadas ao corpo, como revelam Cabello, Diaz e Venegas (2014). Essas subalternidades *queer* latinas que rememoro são imagens das dissidências antinorma das máquinas de guerra, cujos atravessamentos são tão perversos quanto imundos.

Perra apropriava-se, parodisticamente, das performatividades femininas (figura 11), explodindo com a ficção dos gêneros, rindo e fazendo-nos rir das sociedades ditas normais. Demoníaco devir-mulher antissistema e sem controle, agenciamentos promíscuos, afectos sexualmente desejosos. Perra bagunça a ordem por onde passa e nega os papéis femininos tradicionais, ainda que sua *mulher* seja todo devir-monstro.

Figura 11: Hija de Perra - paródia performativa



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/irinalaloca/5363283669/>

Se Spivak (2010) nos alerta sobre o papel do intelectual em denunciar os prejuízos da colonização para os colonizados, Perra (2014) não apenas o fez, mas o fez rindo, desconfiando até mesmo da legitimidade das políticas de resistência e teoria *queer* aplicadas ao contexto latino-americano. Sugerindo, assim, uma política

de resistência latina que não seja devota dos termos importados de estudos internacionais, além de advertir sobre o risco de que as dissidências sejam absorvidas por um pensamento capitalista que a tornaria principalmente um estilo de vida, neutralizando suas reivindicações⁶⁰.

O que possibilita refletir acerca do surgimento recente de uma espécie de tendência parodística de performatividades femininas, que mantêm o uso da barba como um elemento de subversão das identidades masculinas e femininas, a exemplo de Conchita Wurst (figura 12). Ao ganhar o concurso Eurovision⁶¹ 2014, Conchita causou desconforto entre os telespectadores dos países participantes, acostumados com a pretensa inteligibilidade entre sexo/gênero/sexualidade. Com efeito, a experiência de Conchita gerou inúmeros debates acerca dos limites identitários. Uma experiência cuja subversão não tardou em romper com a anestesia promovida pelo capitalismo contemporâneo, retomando Buck-Morss (2012).

Entendo Conchita como um devir-mulher vampira, que contagia, de uma filiação que produz um rasgo no tempo, é resultado de uma cartografia cujas linhas de fuga a transformam em multidão, multiplicidades provindas dos personagens *freaky* de outrora. Não incorro, aqui, no erro de negar a potencialidade política das experiências de Conchita, pelo contrário, mas questiono se a reprodução de sua dissidência não resulta numa cristalização de tal estética, como se houvesse uma busca por torná-la normal. Risco esse também vivenciado pelas políticas em prol dos direitos de igualdade, de se ver assimiladas como naturais, assinalando a normalização promovida pelas instituições familiares, estatais e religiosas, concordando com a economia heterossexual.

Reproduzir uma estética até transformá-la numa tecnoestética parece muito menos proveitoso à liberdade dos corpos que o contágio cartográfico de dada subversão, levando-a a outras esferas, outras conexões, transformá-la noutras dissidências e jamais fixá-la como norma a ser assimilada. Produzir oposição às instituições de controle, o que requer constante experimentação, produção incessante de rasgos dos termos, dentro e fora das próprias multidões. Pensar como Preciado busca produzir, a partir de seus textos, “una micropolítica de células que,

⁶⁰Perra (2014) usa como referência o trabalho crítico de Slavoj Zizek - *En defensa de la intolerancia*.

⁶¹Concurso tradicional de musica européia existente desde 1956, atualmente exibido pela TV de grande parte da Europa.

más allá de las políticas de representación, busca puntos de fuga frente al control estatal de flujos (hormonas, esperma, sangre, órganos...) y códigos (imágenes, nombres, instituciones...) [...]”⁶². (CARRILLO, 2007, p. 385). Apropriar-se dessas tecnologias de produção de diferença e inteligibilidade dos corpos como paródia, desconstruir prosteticamente as normas e desnaturalizar os termos.

Figura 12: Conchita Wurst



Fonte: <http://realfm.com.br/?p=5240>

Nas passagens pela academia e pelos grupos de dissidências chinelas, Perra falou da relação entre poder higienizador e as doenças sexualmente transmissíveis, expôs seu corpo prostético e plástico (figura 13). Desejos imundos de atravessamentos trans-lésbico-*queer*-latinos que confrontam a natureza biológica com agenciamentos *pós-humanos*⁶³, para retomar Preciado (2011, p. 17), para quem “a tomada da palavra pelas minorias *queer* é um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos das instituições modernas [...] e uma mutação dos corpos”.

⁶²“uma micropolítica de células que, para além das políticas de representação, busca pontos de fuga frente ao controle estatal de fluxos (hormônios, esperma, sangue, órgãos...) e códigos (imagens, nomes, instituições...) [...]”

⁶³*Pós-humanos* não como uma posterioridade, mas como um estado que ultrapassa os limites dos pressupostos humanos.

Figura 13: Perra em performance - FemFest



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pandafra2/2098411249/>

Em seu texto, Perra (2014, p. 9) retoma um passado quase inacessível, vivido pelos ancestrais “[...] bestias selvagens que vivían en este desconocido

paraíso⁶⁴”, condenando, com isso, os conquistadores espanhóis, as instituições familiares, estatais e religiosas, a idealização sexual higienizada e toda norma aqui instaurada segundo princípios eurocentrados e costumes desconectados de nosso contexto. Perra (2014) não hesita, também, em criticar o pensamento cristão, cujas tecnologias promoveram grande disciplinamento aos corpos, como exposto por Foucault (2010), até a chegada do que Deleuze (1992) chamou de uma sociedade de controle. Foram os antigos povos da América Latina, instados ao abandono de suas práticas sexuais para poder reproduzir a inteligibilidade dos preceitos cristãos. Esse é o primeiro grande momento de uma castração anal imposta às comunidades latinas, as quais devem ser desterritorializadas e levadas ao uso não estratificado do corpo, por meio de práticas sexuais subversivas.

Chamado de *Indecencia Transgênica*, o projeto musical de Perra com Perdida (figura 14) usa um vocabulário imoral, repleto de um sarcasmo pós-pornô em canções que incluem *Papito Rico* e *Reggaeton Venéreo*, solapando com interseccionalidades estéticas as naturalidades fantasmagóricas. Pode-se dizer que juntas compõem uma multidão rizomática que escapa em linhas de fuga desterritorializantes. Perversões antinatureza, contrárias a toda higienização, Perra era devir-gata sorradeira e esfaimada. Seu corpo resistia à castração e à higienização por meio de performances com uso de *dildos* e músicas como *Nalgas con olor a caca*⁶⁵. Experiência estética de intensidades *trash* e pós-pornô de uma barbárie politicamente incorreta a expandir os espaços, fazer terrorismo anormal.

Perdida é também devir-mulher, potência prostética em sobreposição artificial e irônica, zombando dos códigos de sexo/gênero. Das conexões que faz com Perra em *Empaná de Pino*, Perdida não apenas se deixa contagiar pelas moléculas da líder *trash*, como se permite escorregar de sua identidade, deslocando-se cartograficamente com as identidades de Perra para outros pontos, fazendo mapa e se deixando atravessar por outras multiplicidades. O resultado aqui é também parte daquilo que insisto em pensar como experiência *queer*.

⁶⁴ “Bestas selvagens que viviam neste desconhecido paraíso”.

⁶⁵ Nádegas com cheiro de cocô.

Figura 14: Hija de Perra e Perdida - *Indecencia Transgênica*



Fonte: https://www.flickr.com/photos/ganstercat_/3362716601/

Penso na estética *queer* como resultado de rupturas assignificantes que suspendem das normas, momento de uma comunicação com um estado além, como sugere Battaille (1986) em sua experiência interior. São experiências dissidentes autorizadas por agenciamentos e atravessamentos que fazem devir outras tantas potências desterritorializadas que privilegiam a multiplicidade, evitando os estratos, fazendo dos corpos a superfície de um mapa e dos desejos rizoma, conforme Deleuze e Guattari (2014). Multiplicidade e plenitude às quais só se chega pelo abandono de si, permitindo a n-1, o surgimento de sem número de devires. Por isso,

fazer uso de prazeres abjetos, via anal, oral, pansexual, já que o múltiplo não reconhece reprodução de inteligibilidades. Penso, ainda, nessas experiências como o rompimento com as fantasmagorias normativas do capitalismo pós-moneísta, proposta que endossei mobilizando Preciado (2014b), Benjamin (2012) e Buck-Morss (2012) para também imaginar uma estética de multidão.

Creio, ainda, que as estéticas *queer* não possam ser apreendidas, pois, sendo experiências de multidão, sempre escapam dos territórios, escorregam do controle, rejeitam as raízes capitalistas que insistem em criar novos padrões ao interpretar dissidências como tendências, resistências como aparências. Mais válido, talvez, seja pensar na multiplicidade como uma intensidade sempre disposta a produzir outras potências, sempre outras, que neguem a fixidez de uma tecnoestética, que a tomem como uma estética. Experiências *queer* de máquina de guerra.

4 CONCLUSÃO, OU OUTRAS LINHAS DE FUGA

Dizer que dou por concluído este estudo, como quem chega a um fim determinado, parece-me equivocado. De todo modo, neste capítulo, dedico-me a expor os resultados obtidos até aqui, os meus apontamentos e minhas considerações finais, sob a possibilidade de que este término não dê por encerrado o estudo. Preferindo pensar neste como a possibilidade de linhas, cuja intensidade me permitirá outras conexões.

Nesta pesquisa, procurei retomar os problemas que decorrem das normas heterocentradas, originadas nos domínios do poder para controle e para cerceamento dos sujeitos. Dediquei-me a estabelecer, por intermédio de Foucault (2010) e Preciado (2014b), uma gênese das anormalidades, enquanto categoria oposta aos ideais de uma economia heterocentrada e higienizadora. Esse surgimento se deu por meio de tecnologias de disciplina e controle dos corpos que produziram uma multidão de sujeitos perversos, proibidos de circulação pública. Spivak (2010) poderia definir esses sujeitos como subalternos, postos à margem por saberes hegemônicos a estratificar, em muitos graus, os corpos femininos, os anormais, os colonizados e grande número de corpos silenciados, impedidos de existência discursiva.

As leituras de Preciado (2009) e Hocquenghem (2009) possibilitaram, ainda, pensar a marginalidade dos corpos anormais a partir da castração anal, formadora de culpas e higienizações que colocam no espaço privado os desejos não reprodutivos, reconhecida por Preciado (2014b) como uma territorialização dos órgãos em função de sua capacidade reprodutiva, normativa. Nessa genealogia, tomando emprestado o método foucaultiano, fundou-se uma multidão de sujeitos perversos que fazem uso abjeto de seus prazeres, parte das práticas de resistências *queer*, pós-moneístas, como pensa Preciado (2011). Assim, as multidões *queer* colocam em causa, por meio de suas dissidências, as normas. São essas políticas formuladas a fim de permitir que o múltiplo seja autorizado como única realidade viável de existência.

Nesse sentido, Butler (1998) constata que as identidades, quando pensadas como únicas possibilidades políticas, revelam-se ficcionais à medida que não há sobre elas outro estado de verdade que não de uma fábula heterocentrada de saberes binários e limitantes. Sobre tal, retomo a contribuição de Deleuze e

Guattari (2014) ao nos apresentar conceitos como rizoma e multiplicidade, que contribuíram para a reflexão sobre alternativas de existência e de práticas políticas que tivessem por intuito privilegiar a plenitude das existências em todas as suas linhas de fuga, agenciamentos de dimensões diversas e conexões cartográficas em detrimento dos decalques significantes. Isso possibilitou a negação das pseudomultiplicidades, territorializadas pelos discursos e pelos saberes hegemônicos, assim como das identidades fixadas pela matriz heterossexual, como expôs Butler (2013).

Diante das questões levantadas nesse estudo, coloquei como alternativas a produção de políticas *queer* pautadas nas resistências perversas, incluindo as paródias performativas e os deslocamentos desnaturalizantes, fazendo-se rir das normas ao subverter as territorialidades fixadas pelo saberes heteronormativos que nos limitam ao impor uma falsa coerência entre sexo/gênero/desejo. Para tanto, sugeri as experiências estéticas formuladas por Benjamin (2012) e Buck-Morss (2012) como promessa para romper com o sistema sinestésico no qual impera a pobreza de experiências cotidianas, instauradas também pelas naturalidades e normatividades socialmente acolhidas sem devida crítica. Nesse sentido, proponho que a perversão dos códigos, o horror abjeto, a utilização de imagens subversivas, devam romper com a miséria experiencial contemporânea, fazendo com que se descubram enganadas pelas inverdades fantasmagóricas vendidas como normalidade.

Ato contínuo, Bataille (1986) negou a ordem do discurso, dos assujeitamentos e do saber ao se debruçar sobre a experiência interior, teoria inapreensível pelas imagens que apresento, mas que contribuiu demasiadamente com a ideia de que um abandono de todo saber possa fazer soçobrar, no total, desconhecimento de si, das identidades, ademais duvidosas, e das coisas cujas ordens parecem dadas. Pensar na possibilidade de um ponto do extremo do possível foi como imaginar o momento de um arrebatamento, um êxtase, como o autor mesmo coloca, no qual é possível negar ser tudo, não querer ser salvo, perder-se nas profundezas de um *Ipse* (eu verdadeiro), rejeitando toda superfície posta discursiva e culturalmente sobre os corpos. Com isso, numa outra conexão, enxergo toda multidão *queer* como resultado desse abandono que faz dos anormais uma onda fugidia, sempre disposta a escapar nas dramatizações que produz.

Essas experiências interiores relacionam-se aos devires-mulher, animal, molecular, na qualidade de intensidades que produzem, nos povoamentos, conexões de potências em todos os níveis, fazendo com que os sujeitos escapem constantemente em linhas de fuga e resultando em experiências rizomáticas. Eis aqui outra proposta de Deleuze e Guattari (2012) para um esgarçamento radical dos limites nos quais estamos, muitas vezes, circunscritos. Rejeitar os territórios das identidades e os servilismos totalizantes é alguma das contribuições tomadas como indispensáveis ao empreendimento das multiplicidades. Sem raízes, os sujeitos são extraordinárias intensidades desejosas, potências capazes de conexões infinitas com outros lobos da matilha, nas trocas de moléculas que faz com seu entorno, rizomaticamente.

Sugiro, além da rebeldia subversiva, dos deslocamentos desterritorializantes, das apropriações parodísticas e das experiências *queer* que endosso, pensar nas interseccionalidades subalternas, cujos atravessamentos produziriam, conforme indica Preciado (2011), uma multidão de multiplicidades antissistema a partir do sexo, da raça e de toda potência dissidente. Logo, perversões subalternas de atravessamentos múltiplos, experiências *queer* que não se recusam a soçobrar e se perder e que permitem o extremo do possível. Experiências que negam a ordem discursiva enquanto verdade última, que põem em crise as tecnologias de disciplina e de controle, e que permitem escapar da cristalização das identidades, por linhas de fuga ao fazer rizoma.

Em suma, não me dou totalmente por satisfeito, na garantia de que isso me leve a outras conexões por linhas de fuga, evitando a fixidez dos sistemas arborescentes. Além disso, não se pode esquecer que há sempre o risco de que as multiplicidades venham a ser absorvidas pelas raízes, naturalizando e cristalizando as dissidências em forma de outras normas, fazendo, assim, encerrar dadas linhas de fuga. Risco que se deve rejeitar sem hesitar.

Reconheço, contudo, que esta pesquisa é apenas o início de outras produções possíveis, de modo que identifique noutros textos a potência intelectual das dissidências *queer* que acredito, na promessa de uma continuidade para além das linhas que aqui exponho. Caso das produções de Jack Halberstam, a exemplo de seu livro *Female Masculinity*, publicado em 1998, ou *In a Queer Time and Place: transgender bodies, subcultural lives*, livro publicado em 2005. Penso também em *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*, publicação de José

Esteban Muñoz, como possibilidade de um aprofundamento deste estudo. Isso, apenas para citar alguns dos exemplos de textos cujas exposições fazem-me desejar análises posteriores.

Enfim, são muitas as experiências a serem consideradas, além das disrupções que exponho, muitas delas possíveis através das imagens, permitindo desnaturalizar os padrões fixados pelas normas heterocentradas. Imagens de intensidades antinatureza, por vezes produzindo paródias deslocadas que denunciam o aspecto prostético dos corpos, entendidos como coerentes. Experiências *queer* de agenciamentos antinorma, resultado das potências endossadas por multidões de devires-moleculares a contagiar toda a matilha de anormais. Elas contêm estéticas que induzem ao uso de desejos desconectados dos órgãos reprodutores e são, portanto, subversões desterritorializadas.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *La Experiencia Interior*. Madri: Taurus, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUCK-MORSS, Susan. **Estética e Anestésica**: uma reconsideração de A obra de Arte de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, Walter. *et. al.* Benjamin e a Obra de Arte: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CABELLO, Cristeva; DÍAZ, Jorge; VENEGAS, Lucha. *¿Cuántas hijas de perra son necesarias para hacer estallar el mundo? Escrituras transgênicas en homenaje a Hija de Perra*. *Revista Punto Género*, n. 4, p. 17-22, 2014.

CARRILLO, Jesús. **“Entrevista com Beatriz Preciado”**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 375-405, jun. 2007.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle**. In: _____. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: 34, 2014.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4. 2 ed. São Paulo: 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HOCQUENGHEM, Guy. **El Deseo Homosexual**. Espanha: Melusina, 2009.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias. N. 11. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 150 – 182.

PERRA, Hija de. **Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma**. Revista Punto Género, n. 4, p. 9-16, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014a.

_____. **Multidões Queer**: notas para uma política dos “anormais”. Revista Estudos Feministas. vol.19. n.1, p. 11-20, 2011.

_____. **Terror Anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual**. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El Deseo Homosexual**. Espanha: Melusina, 2009.

_____. **Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica**. Buenos Aires: Paidós, 2014b.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.